

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

SOCIOLOGIA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO MÉDIO
VOLUME 2

Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem “direitos autorais protegidos” todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Sociologia : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2015.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 2)

Conteúdo: v. 2. 2ª série do Ensino Médio.
ISBN: 978-85-8312-125-1 (Impresso)
978-85-8312-103-9 (Digital)

1. Sociologia – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio. 3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Márcio Luiz França Gomes

Secretário

Cláudio Valverde

Secretário-Adjunto

Maurício Juvenal

Chefe de Gabinete

Marco Antonio da Silva

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Ghisleine Trigo Silveira

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira, Adriana dos Santos
Cunha, Durcilene Maria de Araujo Rodrigues,
Gisele Fernandes Silveira Farisco, Luiz Carlos Tozetto,
Raul Ravanelli Neto, Sabrina Moreira Rocha,
Virginia Nunes de Oliveira Mendes
Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha
Diretora Técnica de Formação Profissional

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Alves de Lavos, Carlos Ricardo Bifi, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fabiana de Cássia Rodrigues, Fernando Manzieri Heder, Herbert

Rodrigues, Jonathan Nascimento, Laís Schalch, Liliane Bordignon de Souza, Maria Helena de Castro Lima, Paula Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Borghi Venco e Walkiria Rigolon

Autores
Arte: Roseli Ventrella e Terezinha Guerra; Biologia: José Manoel Martins, Marcos Egelstein, Maria Graciete Carramate Lopes e Vinicius Signorelli; Filosofia: Juliana Litvin de Almeida e Tiago Abreu Nogueira; Física: Gustavo Isaac Killner; Geografia: Roberto Giansanti e Silas Martins Junqueira; História: Denise Mendes e Márcia Juliana Santos; Inglês: Eduardo Portela; Língua Portuguesa: Kátia Lomba Brakling; Matemática: Antonio José Lopes; Química: Olímpio Salgado; Sociologia: Dilma Fabri Marão Pichoneri e Selma Borghi Venco

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

Equipe de Produção
Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes
Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo, Alcía Toffani, Amarilis L. Maciel, Ana Paula S. Bezerra, Andressa Serena de Oliveira, Bárbara Odria Vieira, Carolina H. Mestriner, Caroline Domingos de Souza, Cíntia

Leitão, Cláudia Leticia Vendrame Santos, David dos Santos Silva, Eloiza Mendes Lopes, Érika Domingues do Nascimento, Fernanda Brito Bincoletto, Flávia Beraldo Ferrare, Jean Kleber Silva, Leonardo Gonçalves, Lorena Vita Ferreira, Lucas Puntel Carrasco, Luiza Thebas, Mainã Greeb Vicente, Marcus Ecclissi, Maria Inez de Souza, Mariana Padoan, Natália Kessuani Bego Maurício, Olivia Frade Zambone, Paula Felix Palma, Pedro Carvalho, Polyanna Costa, Priscila Risso, Raquel Benchimol Rosenthal, Tatiana F. Souza, Tatiana Pavanelli Valsi, Thaís Nori Cornetta, Thamires Caroline Balog de Mattos e Vanessa Bianco Felix de Oliveira

Direitos autorais e iconografia: Ana Beatriz Freire, Aparecido Francisco, Fernanda Catalão, José Carlos Augusto, Larissa Polix Barbosa, Maria Magalhães de Alencastro, Mayara Ribeiro de Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Roberto Polacov, Sandro Carrasco e Stella Mesquita

Apoio à produção: Aparecida Ferraz da Silva, Fernanda Queiroz, Luiz Roberto Vital Pinto, Maria Regina Xavier de Brito, Natália S. Moreira e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo Russo e Casa de Ideias

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Médio e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

APRESENTAÇÃO

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Já na aba **Conteúdo EJA**, poderá acessar os Cadernos e vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI 

Unidade 1 – Cultura e as ciências sociais.....	9		
Tema 1 – O que é cultura?.....	9	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – Cultura e sociedade de massa.....	18	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Unidade 2 – Desigualdade social: de onde vem... para onde vai?.....	25		
Tema 1 – Raízes da desigualdade.....	25	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – Desigualdades.....	38	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Unidade 3 – Violência.....	59		
Tema 1 – Violência: entendendo esse fenômeno.....	59	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – Diferentes dimensões da violência.....	70	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Unidade 4 – Movimentos sociais: concentração de descontentamentos?.....	87		
Tema 1 – A luta pela conquista de direitos.....	87	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – Movimentos sociais.....	100	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Caro(a) estudante,

Seguindo sua trajetória no curso de Sociologia do CEEJA, você está recebendo o Volume 2 desta coleção. Os temas abordados neste Caderno continuam a tratar de assuntos importantes para a Sociologia e que objetivam desenvolver um olhar para a realidade mais crítico, que se afaste do senso comum, levando-o a refletir sobre diferentes aspectos presentes em nossa sociedade.

Na Unidade 1, você estudará sobre cultura, conforme a abordagem antropológica do tema e, em seguida, refletirá sobre cultura de massa e indústria cultural a partir do ponto de vista sociológico.

As Unidades 2 e 3 tratam de dois fenômenos sociais bastante relevantes para os estudos da Sociologia: a desigualdade social e a violência. Conhecer o contexto histórico de ambos contribui para a compreensão da raiz e do desenvolvimento desses fenômenos em nossa sociedade. Ainda, é proposta a reflexão sobre questões mais específicas relacionadas a essas temáticas, como diferentes aspectos da desigualdade (de gênero, raça etc.) e formas de violência (física, psicológica e simbólica).

Por fim, na Unidade 4, aborda-se os movimentos sociais, com enfoque nas formas de organização da sociedade, que resistem e enfrentam as questões tratadas ao longo do Caderno, na luta por direitos e por uma sociedade mais justa.

Bons estudos!



TEMAS

1. O que é cultura?
2. Cultura e sociedade de massa

Introdução

Nesta Unidade, você estudará uma temática relevante para as ciências sociais: a cultura. Buscar compreender a cultura do ponto de vista das ciências sociais o levará a diversos estudos e reflexões sobre as sociedades contemporâneas. Portanto, é a partir dessa óptica que você vai conhecer os conceitos de cultura e sociedade de massa, buscando refletir sobre seus efeitos na dinâmica das relações vivenciadas atualmente.

O que é cultura? TEMA 1

O objetivo deste tema é apresentar e discutir o conceito de cultura na perspectiva das ciências sociais, em especial da Antropologia.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

A palavra **cultura** é bastante utilizada em nosso dia a dia. Ela pode se referir a uma pessoa, quando se trata de alguém com bastante conhecimento, ou a uma sociedade, expressando características específicas de determinado país ou localidade, mas também se relaciona a um conjunto de atividades vinculadas ao lazer das pessoas. Enfim, você já parou para pensar sobre os diferentes sentidos que essa palavra assume em nosso cotidiano?



© Tetra Images/Stock Photos/Glow Images



Significados da cultura

O tema da cultura é sistematicamente estudado pelas ciências sociais. Antropólogos e sociólogos se esforçam para compreender e formular análises sobre o desenvolvimento dos diferentes grupos humanos habitantes do planeta, no passado e no presente.

É importante dizer que o termo *cultura*, tal como concebido e utilizado pelos cientistas sociais, difere da noção de cultura usada pelo senso comum. As pessoas em geral costumam usar o termo relacionado ao conjunto de conhecimentos dos indivíduos, referindo-se àqueles que sabem muito, que possuem muitos anos de escolaridade, ou, ainda, para designar uma produção agrícola: cultura de arroz, cultura de milho etc.

Para as ciências sociais, no entanto, cultura é um conceito mais amplo, pois essas ciências a consideram um fenômeno histórico – portanto, algo que se modifica e se reconstrói de acordo com as mudanças vivenciadas nos contextos das diversas sociedades e dos diferentes agrupamentos sociais. Assim, a cultura não é estática, nem acabada. Ao contrário, trata-se de um fenômeno que está em constante mutação, acompanhando a dinâmica das relações humanas.

Pode-se dizer, então, que, para as ciências sociais, pensar em cultura é pensar em termos de conhecimentos, significados e formas de explicar o mundo e nosso cotidiano, ou seja, é um esforço de interpretar e compreender as diversas culturas dos diferentes agrupamentos humanos.

Resumindo, é importante destacar que o senso comum, em geral, vê a cultura como um “pacote fechado” de conhecimentos, que todos deveriam ter e que é sempre o mesmo, independentemente do contexto histórico e social em que vive cada grupo ou cada sujeito. Mas, para a Antropologia, a cultura é um fenômeno vivido de maneiras distintas pelos grupos sociais, e que vai sempre se alterando, de acordo com as mudanças presentes na vida em sociedade.

Portanto, pensar sobre o que é cultura leva a refletir sobre a condição social do homem, ou seja, sobre o fato de ele viver em sociedade. Uma importante pergunta a se fazer é: Como se organizam as sociedades ou os agrupamentos sociais? De forma bastante ampla, é possível dizer que a cultura de cada povo é o que define e organiza seu modo de viver e conviver em grupo.

Assim, o termo cultura adquire significado diferente daquele do senso comum, pois todo indivíduo tem cultura. Essa interpretação é possível pelo fato de todo





indivíduo pertencer a um determinado grupo social que tem uma cultura específica, composta de símbolos, valores e crenças, modos de ver o mundo, costumes e comportamentos compartilhados por todos os integrantes desse mesmo grupo.

A cultura é uma espécie de herança social, por meio da qual ocorre a transmissão de saberes, de conhecimentos e práticas sociais, transmitidos de geração a geração.

Ao longo dos últimos dois séculos, diversos antropólogos se dedicaram ao estudo dessa temática. Veja quadro nas páginas 13 a 15.

Um dos marcos iniciais na elaboração dos estudos antropológicos sobre cultura, que data do século XIX, é a obra de Edward Burnett Tylor, que organiza uma definição de cultura tendo como base um conjunto bastante amplo de elementos presentes em determinada sociedade.

Segundo tal definição, esses elementos correspondem ao conjunto de conhecimentos, crenças, hábitos, moral e costumes reconhecidos e praticados pelos indivíduos em uma sociedade. Nesse sentido, por abarcar todos esses elementos, sua teoria é conhecida como **universalista**, ou seja, que incorpora o todo da vida social humana em uma definição de cultura.

Os antropólogos que vieram depois procuraram se afastar de uma concepção universalista, buscando uma visão mais particular desse conceito. Inaugurou-se, então, uma fase em que a concepção de cultura e de estudo dos diversos povos não estava mais centrada na comparação entre diferentes povos, mas na consideração de que cada um deles e sua respectiva cultura se desenvolviam de forma independente, tendo em vista a própria história.

Esse é o caso de Franz Boas, cuja grande contribuição foi a defesa de que as diferenças entre os povos não poderiam se basear em diferenciações biológicas, mas, sim, nas especificidades culturais de cada um. Foi isso que esse antropólogo buscou demonstrar em suas diversas pesquisas **etnográficas**, que muito contribuíram no início do século XX para o entendimento da diversidade cultural.



Etnografia

Forma específica de fazer pesquisa e coletar dados, com base na observação direta e *in loco* da realidade em estudo. Essa maneira de investigar nasceu com a Antropologia, quando pesquisadores começaram a frequentar diferentes sociedades, como tribos indígenas, para observar e descrever seus modos de vida. Atualmente, o método etnográfico é também utilizado por outras áreas do conhecimento como método de pesquisa.





A reflexão sobre o respeito às diferenças culturais levou esse estudioso a refletir a partir de dois conceitos: **etnocentrismo** e **relativismo cultural**, que ainda nos dias atuais são importantes para se pensar sobre os diversos povos das diferentes culturas.

IMPORTANTE!

O termo *etnocentrismo* refere-se ao fato de uma cultura ser considerada superior a outra, ou seja, quando indivíduos pertencentes a determinada cultura julgam ser esta a mais evoluída (o centro), desconsiderando as demais ou classificando-as como inferiores. Em oposição a essa concepção está o *relativismo cultural*, em que se respeita as características das diferentes culturas e suas especificidades, valorizando-as. Esses são conceitos importantes para a análise das sociedades, pois permitem discutir questões como intolerância e preconceito, que podem ser fruto de uma visão etnocêntrica.

Também no início do século XX, outro reconhecido antropólogo se destacou ao pensar sobre as diferentes culturas: Bronislaw Malinowski. A teoria criada por ele é conhecida como **funcionalista**. O termo *função*, nesse caso, tem um significado particular: é aquilo que um povo faz para satisfazer suas necessidades, ou seja, a função de determinado costume relaciona-se às necessidades que o grupo tem ou deseja satisfazer.

Contudo, essas necessidades não são apenas biológicas, como aquelas relacionadas à própria sobrevivência, mas são também sociais e, por isso, os diferentes povos desenvolvem costumes, tradições e instituições para atendê-las.

Malinowski realizou seus estudos buscando observar e compreender a lógica dessas funções (daí o termo *funcionalista*) e, para isso, utilizou um método chamado *observação participante*. Para ele, somente com a observação das diferentes culturas em seu cotidiano seria possível identificar os significados das funções que ali se estabelecem e dão sentido àquela determinada cultura.

Por fim, é preciso apresentar outro antropólogo que se destacou por suas contribuições para os estudos da cultura: Claude Lévi-Strauss. Ele foi o expoente de uma corrente de pensamento chamada **estruturalismo**.

Diferentemente do funcionalismo, o que importa para essa corrente de pensamento é a análise da realidade em seu conjunto, ou seja, como o conjunto das relações sociais e os mecanismos da vida social estão estabelecidos e como estruturam determinada cultura.



Para Lévi-Strauss, seria possível analisar as diferentes culturas com base nessas estruturas, as quais, mesmo tendo sido desenvolvidas de forma diferente em cada grupo, buscam responder a questões universais.

Assim, o estruturalismo procura compreender os elementos culturais universais necessários à vida em qualquer sociedade. A definição das regras matrimoniais é um exemplo dentre os elementos universais. Há sociedades que privilegiam o casamento no interior da própria família, e outras, com famílias exteriores ao grupo social.

Em sua explicação, Lévi-Strauss utiliza a ideia do jogo de cartas como exemplo. Ele diz que é como se cada cultura estivesse participando de um jogo, no qual elas constroem sua estratégia e suas regras de forma diferente, de acordo com o conjunto de cartas que possui em mãos. Assim, a estrutura de cada cultura é organizada conforme a relação entre os diferentes sistemas (elementos, grupos, instituições) que a compõem.

Veja no quadro a seguir a síntese do pensamento e das contribuições mais significativas de alguns dos principais pensadores da Antropologia sobre o tema cultura. É importante que você perceba que, neste quadro, são utilizados trechos dos próprios autores/antropólogos, para que você se aproxime ainda mais do conhecimento e da linguagem própria dessa área das ciências sociais.

FICA A DICA!

O antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, um dos mais importantes pensadores da cultura do nosso país, escreveu, em 1995, o livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Nessa obra, referência para diversos estudos sobre o tema, o autor discute a formação do País do ponto de vista de sua história, desde a chegada dos portugueses até os dias recentes, na tentativa de compreender como chegamos à nossa atual configuração.

Com base nesse livro, foi também produzido um documentário, de mesmo nome, com a participação do próprio Darcy Ribeiro. O filme é facilmente encontrado na internet. Se puder, assista!



Biblioteca da Universidade de Toronto, Canadá

Edward Burnett Tylor (1832-1917) – sua principal obra foi *Cultura primitiva*, lançada em 1871.

Para esse autor, conforme suas próprias palavras, “cultura e civilização, tomadas em seu sentido **etnológico** mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (citado em CUCHE, 2002, p. 35). Essa definição é considerada pelos antropólogos uma visão bastante ampla do que seja cultura, ou, como se convencionou chamar, uma definição **universalista** do termo.



© Bettmann/Corbis/Latinstock

Franz Boas (1858-1942) é considerado o criador da **etnografia**, o primeiro a utilizar a observação direta como método de pesquisa sobre diferentes culturas.

A base de sua teoria está no fato de que, para ele, a diferença entre os povos, entre os grupos humanos, não é biológica, mas cultural. Outra importante contribuição desse autor é a concepção de **relativismo cultural**: “[...] mesmo que não tenha sido ele o primeiro a pensar a relatividade cultural [...]. A fim de escapar de qualquer forma de etnocentrismo no estudo de uma cultura particular, recomendava abordá-la [...] sem aplicar suas próprias categorias para interpretá-la [...]” (CUCHE, 2002, p. 44).



© Hulton Archive/Getty Images

Bronislaw Malinowski (1884-1942), conhecido como fundador do funcionalismo antropológico, realizou longos estudos etnográficos, tendo como um de seus principais trabalhos a pesquisa de povos nativos da Austrália.

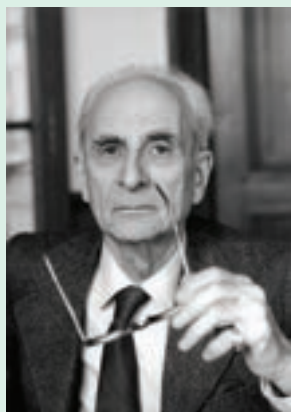
Esse autor é responsável pelo desenvolvimento de uma teoria que ficou conhecida como **funcionalista**. Para Malinowski, cada cultura deve ser observada nos diferentes elementos que a formam, cuja função é satisfazer as necessidades essenciais dos homens. E cada cultura deve ser compreendida pelas relações que esses elementos estabelecem entre si e que, para ele, formam as instituições. Cultura é o “[...] conceito central para Malinowski, que designa as soluções coletivas (organizadas) às necessidades individuais. As instituições são os elementos concretos da cultura, as unidades básicas de qualquer estudo antropológico, e não os ‘traços’ culturais [...]” (CUCHE, 2002, p. 72-73). Assim, diferentemente de Boas, esse antropólogo compreende que os principais objetos de estudo da Antropologia devem ser as instituições (econômicas, políticas, educacionais etc.) e as relações que elas tecem com a sociedade da qual fazem parte.



© Bettmann/Corbis/Latinstock

Margaret Mead (1901-1978) foi uma das primeiras mulheres a se destacar na Antropologia e realizou seus estudos mais importantes analisando três diferentes povos da Oceania.

A Antropologia desenvolvida por essa autora está orientada pela “[...] maneira como um indivíduo recebe sua cultura e as consequências que isto provoca na formação de sua personalidade. Ela coloca no centro de suas reflexões e suas pesquisas o processo de transmissão cultural e de socialização da personalidade. [...] Deste modo, a personalidade individual não se explica por seus caracteres biológicos (por exemplo, [...] o sexo), mas pelo ‘modelo’ cultural particular a uma dada sociedade que determina a educação da criança. Desde os primeiros instantes de vida, o indivíduo é impregnado deste modelo, por todo um sistema de estímulos e de proibições formulados explicitamente ou não. Isto o leva, quando adulto, a se conformar de maneira inconsciente com os princípios fundamentais da cultura.” (CUCHE, 2002, p. 79 e 81).



© Armemiek Veldman/Kipa/Corbis/Latinstock

Claude Lévi-Strauss (1908-2009) tem importância indiscutível nos estudos antropológicos. Nascido na Bélgica, desenvolveu seus estudos e carreira na França. Durante três anos deu aulas no Brasil, na Universidade de São Paulo (USP). Suas principais obras são: *Tristes trópicos*, *As estruturas elementares do parentesco* e *Antropologia estrutural*.

Esse autor é responsável pelo desenvolvimento de outra corrente analítica na Antropologia, denominada **estruturalista**. Segundo ele, “Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros.” (citado em CUCHE, 2002, p. 95). Além disso, seus estudos e reflexões se diferenciam pelo esforço para compreender não apenas as particularidades e especificidades das diferentes culturas, mas de procurar aquilo que é comum a todas elas, portanto, estruturante. Dessa forma, “A antropologia estrutural assume como tarefa encontrar o que é necessário para toda a vida social, isto é, os elementos universais culturais [...]” (CUCHE, 2002, p. 98).

Fonte das informações e citações: CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002.

ATIVIDADE

1 Compreensão de texto

Responda às questões com base na leitura do texto *Significados da cultura* e do quadro que traz o pensamento de importantes antropólogos.

1 Qual é o nome da teoria desenvolvida por Bronislaw Malinowski? Escreva, com suas palavras, o que você compreendeu a respeito dessa teoria.

2 Qual é o principal aspecto das análises antropológicas feitas por Margaret Mead sobre as diferentes culturas?



3 Explique a diferença entre etnocentrismo e relativismo cultural.

4 Embora os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural tenham sido elaborados pela Antropologia há quase 100 anos, permanecem relevantes para a reflexão sobre as sociedades contemporâneas. Faça uma pesquisa em livros, jornais e na internet sobre um exemplo de intolerância cultural; anote os resultados e escreva em seu caderno uma reflexão sobre o que estudou.



FICA A DICA!

Se possível, assista ao filme *Um grito de liberdade* (direção de Richard Attenborough, 1987), baseado em uma história real ocorrida na África do Sul, no contexto da segregação racial entre brancos e negros (*apartheid*). O filme permite refletir sobre questões relativas à cultura, opressão e dominação – no caso, da elite branca contra a qual lutava a maioria negra da população sul-africana.



DESAFIO

O alemão Franz Boaz foi o primeiro a ressaltar a importância do estudo das diversas culturas em seu próprio contexto, a partir das suas peculiaridades. Boaz ressaltava não haver cultura superior ou inferior. Para ele, deveriam ser considerados os fatores históricos, naturais e linguísticos que influenciavam o desenvolvimento de cada cultura em particular.

Adaptado de LUCCI, Elian A. e outros. *Território e sociedade no mundo globalizado: geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2010.

A abordagem apresentada no texto foi desenvolvida a partir do início do século XX e originou uma nova perspectiva das ciências sociais em relação ao estudo das culturas.

Essa perspectiva é denominada:

- a) relativismo
- b) materialismo
- c) evolucionismo
- d) etnocentrismo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2013. Disponível em: <http://www.vestibular.uerj.br/portaL_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2013/provas_e_gabaritos/1eq/2013_1eq_prova.pdf>. Acesso em: 5 set. 2014. A grafia do nome Franz Boaz foi reproduzida conforme está no original publicado na prova da UERJ [nota do editor].





No tema anterior, você estudou o conceito de cultura na perspectiva das ciências sociais, especialmente da Antropologia. Além disso, conheceu alguns dos principais antropólogos e como desenvolveram seus trabalhos e análises sobre diferentes culturas.

Neste tema, o enfoque será outro. Você vai estudar uma importante questão relacionada ao atual momento histórico e específica da sociedade capitalista em que estamos inseridos: a cultura de massa e o conceito de indústria cultural.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Não faz nem 100 anos que a primeira televisão chegou ao Brasil: em setembro de 1950 ocorreu a primeira transmissão televisiva em nosso país.

Ao conversar com pessoas mais velhas de sua família ou entre seus conhecidos, é possível que você encontre alguém que ainda se lembre de como eram a vida e as relações familiares e entre amigos antes da chegada dos televisores, ou quando a maioria da população tinha acesso apenas ao rádio.

Atualmente, os aparelhos de televisão são itens comuns nas residências. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD) de 2012, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a televisão está presente em 97,2% dos lares brasileiros.

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios - 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2012/tabelas_pdf/sintese_ind_6_4.pdf>. Acesso em: 5 set. 2014.

Você já parou para refletir sobre esse fenômeno e seus possíveis reflexos em nossa sociedade?



Cultura de massa e indústria cultural

Como foi visto no Volume 1 da disciplina de Sociologia, o processo de industrialização e urbanização, em decorrência especialmente da 2ª Revolução Industrial, trouxe consigo profundas mudanças para a vida em sociedade, além de ser também o contexto do surgimento da própria Sociologia como ciência.

Nesse período, as indústrias estavam crescendo e se proliferando. Com elas foram criados novos tipos de produtos, fabricados com rapidez e em grande





quantidade. Assim, os padrões de consumo das pessoas também mudaram: muitos dos novos produtos precisavam ser consumidos rapidamente e em grandes quantidades. Além disso, a indústria desenvolveu uma nova lógica de valorização do consumo. Afinal de contas, é com o consumo das mercadorias produzidas que os donos dos meios de produção obtêm o lucro que mantém o capitalismo em funcionamento.

A esse novo padrão de produção e consumo em larga escala, que passa a ser a lógica que rege a sociedade moderna e é partilhado pela maioria dos indivíduos, convencionou-se chamar de **cultura de massa**.

Um fator decisivo que caracterizou esse contexto foi o desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação de massa (também conhecidos pelo termo em inglês *mass media*), em especial do rádio e da imprensa, da televisão e da propaganda. A cultura de massa e os meios de comunicação de massa são fenômenos que se originaram em função do processo de industrialização ocorrido na primeira metade do século XX.

Tais fenômenos contribuíram para o surgimento da **indústria cultural**, que é caracterizada pela produção da cultura como mercadoria, sob a lógica do modo de produção capitalista, e que só passou a existir desse modo com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa.

Assim, a indústria cultural começou a produzir filmes e músicas nos mesmos moldes que os demais produtos criados pela indústria, tais como carros, geladeiras etc.

Dessa forma, a indústria cultural tornou padronizada a produção de cultura. Além disso, ao se utilizar dos meios de comunicação de massa, a indústria cultural impôs um padrão estético a ser consumido de forma coletiva, em larga escala, garantindo, portanto, a mesma lógica de lucratividade, base da sociedade capitalista: produção – consumo – lucro.

A crítica a esse modelo, ou seja, à cultura de massa e à indústria cultural, foi feita por uma série de pensadores da Sociologia e da Filosofia ao longo do século XX. Os representantes da chamada Escola de Frankfurt, cujos principais nomes foram Theodor Adorno, Walter Benjamin, Jürgen Habermas, Max Horkheimer e Herbert Marcuse, são responsáveis por uma vertente do pensamento denominada **teoria crítica** e se destacaram pela forte crítica que fizeram a esse modelo. Os criadores da expressão *indústria cultural* foram Theodor Adorno e Max Horkheimer.





A principal crítica feita por esses autores diz respeito ao caráter ideológico das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa e o conseqüente processo de **alienação** que o consumo dos produtos dessa indústria cultural gera nos indivíduos.

Os autores destacam o fato de que a indústria cultural funciona como um instrumento de dominação de uma classe sobre outra, reforçando a permanência da ordem vigente.

Alienação

No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [...] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [...] à natureza na qual vivem, e/ou [...] a outros seres humanos [...].

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 6.

ATIVIDADE 1 A indústria cultural e você

Após a leitura do texto *Cultura de massa e indústria cultural*, responda às seguintes questões:

1 Como surgiu o fenômeno da cultura de massa e quais são as suas principais características?

2 Qual é o nome da corrente de pensamento fundada pelos representantes da Escola de Frankfurt? Qual era a perspectiva de análise desses autores?





3 Você concorda com a crítica feita pelos pensadores apresentados no texto, quando afirmam que “a indústria cultural funciona como um instrumento de dominação de uma classe sobre outra, reforçando a permanência da ordem vigente”? Justifique sua resposta.

 **PENSE SOBRE...**

Observe a obra *Alienação*, do artista Subtu, apresentada ao lado, e relacione com o conceito estudado de indústria cultural. Reflita sobre o tema e questione o sentido e a presença dele em seu cotidiano.



ATIVIDADE 2 Poesia e consumo

Leia o poema a seguir do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

Eu, etiqueta

Carlos Drummond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.



Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
 minha gravata e cinto e escova e pente,
 meu copo, minha xícara,
 minha toalha de banho e sabonete,
 meu isso, meu aquilo,
 desde a cabeça ao bico dos sapatos,
 são mensagens,
 letras falantes,
 gritos visuais,
 ordens de uso, abuso, reincidências,
 costume, hábito, premência,
 indispensabilidade,
 e fazem de mim homem-anúncio
 [itinerante,
 escravo da matéria anunciada.
 Estou, estou na moda.
 É doce estar na moda, ainda que a moda
 seja negar minha identidade,
 trocá-la por mil, açambarcando
 todas as marcas registradas,
 todos os logotipos do mercado.
 Com que inocência demito-me de ser
 eu que antes era e me sabia
 tão diverso de outros, tão mim-mesmo,
 ser pensante, sentinte e solidário
 com outros seres diversos e conscientes
 de sua humana, invencível condição.
 Agora sou anúncio,
 ora vulgar ora bizarro,
 em língua nacional ou em qualquer língua
 (qualquer, principalmente).
 E nisto me comprazo, tiro glória

de minha anulação.
 Não sou – vê lá – anúncio contratado.
 Eu é que mimosamente pago
 para anunciar, para vender
 em bares festas praias pérgulas piscinas,
 e bem à vista exibo esta etiqueta
 global no corpo que desiste
 de ser veste e sandália de uma essência
 tão viva, independente,
 que moda ou suborno algum a
 [compromete.
 Onde terei jogado fora
 meu gosto e capacidade de escolher,
 minhas idiosincrasias tão pessoais,
 tão minhas que no rosto se espelhavam,
 e cada gesto, cada olhar,
 cada vinco da roupa
 resumia uma estética?
 Hoje sou costurado, sou tecido,
 sou gravado de forma universal,
 saio da estamperia, não de casa,
 da vitrine me tiram, recolocam,
 objeto pulsante mas objeto
 que se oferece como signo de outros
 objetos estáticos, tarifados.
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 de ser não eu, mas artigo industrial,
 peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem.
 Meu nome novo é coisa.
 Eu sou a coisa, coisamente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Eu, etiqueta. In: _____. *Corpo*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 91-93.
 Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>

À luz do que estudou até aqui, interprete o poema lido e responda às seguintes questões:

1 De forma geral, qual é a principal crítica feita pelo poema, que pode ser percebida no próprio título?



2 Retire do texto um exemplo do que seja, em sua opinião, uma passagem que expressa a submissão dos indivíduos a uma cultura de massa.

3 Carlos Drummond de Andrade escolhe o vestuário como símbolo da cultura de massa para escrever seu poema. Reflita sobre sua realidade, e sobre o que observa na sociedade em que vive, e aponte outros exemplos que expressem nosso pertencimento a uma sociedade de massa. Justifique sua resposta.



DESAFIO

A frase “a indústria cultural vende mercadorias, vende imagens do mundo e faz propaganda deste mundo tal qual ele é e para que ele assim permaneça” faz uma crítica relacionada à cultura

- a) erudita.
- b) de jovem.
- c) popular.
- d) de massa.

Centro Executivo Exame Supletivo (CEESU), 2003. Ensino Médio - Sociologia. Disponível em: <http://www.upenet.com.br/concluido/2003/Supletivo2003/arquivos/PEM_SOCIOL.pdf> . Acesso em: 10 set. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A indústria cultural e você

1 A cultura de massa surgiu no contexto das transformações da sociedade capitalista do final do século XIX e que se estendem pelo século XX, quando o modo de produção capitalista se consolida. Ela se caracteriza por um determinado modo de produção e consumo em larga escala.

2 O nome da corrente é *teoria crítica*, e os pensadores que a fundaram tinham uma perspectiva crítica em relação à indústria cultural, em função do caráter ideológico que esse modelo produzia, levando a um processo de alienação e manutenção das desigualdades entre as classes sociais.

3 De acordo com o texto apresentado e também com a perspectiva analítica dos pensadores da Escola de Frankfurt, é possível que você tenha concordado com a afirmação. Para justificar essa resposta, é necessário que você tenha tratado do conceito de alienação, que, segundo esses autores, é produto do consumo de massa que prevalece no contexto da indústria cultural, levando à não consciência e à conseqüente permanência das relações de dominação.



TEMAS

1. Raízes da desigualdade
2. Desigualdades

Introdução

Na Unidade 1, você estudou o conceito de cultura segundo as ciências sociais.

Agora, serão apresentadas as diversas formas de desigualdade existentes na sociedade. Para isso, é importante recorrer inicialmente à recuperação histórica dos fatos para melhor compreender as raízes que alicerçaram as diferenças sociais entre iguais no Brasil.

Raízes da desigualdade TEMA 1

Este tema tem como objetivo estudar a formação econômica do Brasil e em que medida ela pode ter contribuído para a situação de desigualdade vivenciada na atualidade. É importante discutir a própria versão tradicionalmente veiculada nas escolas de que o Brasil foi “descoberto” pelos portugueses, pois essa explicação dos fatos pode acobertar o sentido da exploração entre países em busca de riquezas, território e poder.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Observe atentamente os detalhes da imagem ao lado e responda:

- 1 Que outro título você daria para ela?



Das profundezas, de William Balfour Ker, 1906.



2 Qual é a mensagem que ela transmite?

3 Para você, qual é o tema retratado na imagem? Quais são os elementos da ilustração que o levaram a ter essa opinião?

“Por mares nunca dantes navegados”

Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500 e foram progressivamente explorando nossas terras, mas nem sempre a história foi contada assim. Você já deve ter ouvido, e talvez aprendido na escola, que o Brasil foi “descoberto”. Mas se os nativos aqui viviam e tinham seus costumes, os portugueses os encontraram e ocuparam um território já habitado. O historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) escreveu o livro *Raízes do Brasil*, em 1936, que discute essa situação e nos auxilia a compreender a formação econômica, política e social do Brasil.

Como isso aconteceu?

O rei de Portugal, à época dom Manuel I, adotou uma estratégia política: desbravar – como escreveria Camões – “mares nunca dantes navegados” para conquistar e explorar territórios em busca de poder e riquezas. Mas é importante pensar que o ato de invadir o território brasileiro e se apossar da fartura de recursos naturais nele existentes, como minérios e pedras preciosas, era muito vantajoso, sem custo, uma vez que eles não precisaram comprar as terras; além disso, todo o trabalho era feito pelos índios, depois pelos negros: trabalho gratuito e obrigatório. Com isso, os bens se multiplicaram rapidamente.

O Brasil foi, portanto, colonizado pelos portugueses e submetido a um sistema de exploração de riquezas naturais, como a extração de minérios, por exemplo. Tal aspecto acabou por trazer desdobramentos à história brasileira, marcando sua trajetória econômica, política e social. A exploração do pau-brasil e da cana-de-açúcar e a extração do ouro organizaram uma sociedade dividida, baseada em uma relação desigual entre senhores e escravos.



Aqui já se encontra a primeira pista para analisar a desigualdade: uma pessoa pode ser propriedade de alguém? A escravidão se configura, portanto, como uma situação extrema de desigualdade.

Assim, você pode perceber que desde a colonização o Brasil se desenvolveu em circunstâncias fundamentadas na dominação e na desigualdade.

Observe como essa relação de dominação e desigualdade foi imortalizada na obra do artista francês Jean-Baptiste Debret. Na obra ao lado é possível identificar o feitor branco açoitando um escravo, mas também, ao fundo, os próprios escravos que eram obrigados a castigar seus pares.

Fica a indagação: um país como o Brasil, que firmou seus alicerces em bases desiguais, pode vir a se desvencilhar dessa herança no futuro?



Jean-Baptiste Debret. *Feitores castigando negros*, 1835.

Para melhor responder a essa pergunta, é preciso antes debater o que é desigualdade e procurar compreender esse fenômeno do ponto de vista da Sociologia.

No Brasil Colônia, se por um lado os brancos buscavam submeter a população negra, por outro, alguns escravos conseguiam fugir dos maus-tratos e criavam suas próprias comunidades. O Quilombo dos Palmares, na Capitania de Pernambuco, hoje município de União dos Palmares no Estado de Alagoas, foi um exemplo, chegando a abrigar cerca de 30 mil pessoas lideradas por Zumbi, que nasceu livre, mas foi capturado e tornado escravo aos 6 anos de idade.



Antonio Parreiras. *Zumbi*, 1927 (detalhe).

IMPORTANTE!

É sempre interessante pensar que os processos de dominação não acontecem de forma passiva, pois há também uma resposta, uma ação que resiste às várias formas de violência. Ao longo da história brasileira registraram-se inúmeros atos e movimentos de resistência.

Na pintura de Antonio Parreiras é retratado Zumbi, um importante símbolo do movimento de resistência negra. Liderou o maior quilombo da época da colônia, que ficou conhecido como Quilombo dos Palmares.

Observe que a representação do bandeirante, construída na história brasileira, é em geral a do desbravador de florestas, mas se oculta o fato de ter sido também um caçador de escravos fugitivos. Há em São Paulo, por exemplo, uma estátua com 10 metros de altura em homenagem a um deles: Borba Gato, que reforça a imagem de herói dos bandeirantes.

Outro exemplo significativo de resistência na história brasileira recente é a de brasileiros e brasileiras contra a ditadura militar. É importante lembrar que, em 2014, completou-se um triste aniversário: os 50 anos do golpe militar. Durante a ditadura militar, que durou 21 anos (1964-1985), muitos foram presos, torturados e mortos lutando em favor de um país mais igualitário e não autoritário.



© Daniel Augusto Jr./Pulsar Imagens

Estátua do bandeirante Borba Gato, em São Paulo.

Classes sociais e desigualdades

Relembrando o que você estudou na Unidade 3 do Volume 1, Karl Marx, filósofo alemão, analisou que há no capitalismo duas classes sociais: a **burguesia** (os proprietários dos meios de produção – terras, ferramentas, insumos etc.) e o **proletariado** (trabalhadores urbanos que precisam vender sua força de trabalho para garantir a sua subsistência). É importante sempre lembrar que, para Marx, existe uma relação de exploração por parte da burguesia sobre os operários. Essa é uma constatação essencial para entender o pensamento marxista, pois é por meio da exploração que o proprietário obtém a **mais-valia**.

Mas como ocorre a exploração?

Um trabalhador recebe em forma de salário o valor correspondente a apenas uma parte do que produziu. Uma soma que permitiria a ele morar, alimentar-se, vestir-se, mesmo que minimamente.

O proprietário dos meios de produção, por sua vez, fica com a maior parte do valor da venda da mercadoria.

Essa diferença entre o preço da mercadoria no mercado e o que é pago ao trabalhador como salário denomina-se **mais-valia absoluta**. E, caso o proprietário adicione máquinas mais modernas para produzir mais mercadorias em menos tempo, ele obterá maior lucratividade, mas continuará pagando o mesmo valor aos empregados. A isso Karl Marx denominou **mais-valia relativa**, que está relacionada ao uso da tecnologia com vistas a aumentar a produção de mercadorias.

Essa relação de exploração faz com que a riqueza se acumule apenas nas mãos dos proprietários, daqueles que vivem do trabalho realizado por outros trabalhadores. Portanto, essa relação define a formação de classes distintas: uma vendendo a própria força de trabalho, e a outra explorando o trabalho do outro para, com isso, obter lucro. Essa relação de exploração é que mantém e perpetua a desigualdade social no capitalismo.

ATIVIDADE 1 Refletindo sobre a mais-valia

Leia os textos 1 e 2 e responda às questões que seguem.

Texto 1

Na sociedade caipira a sua manifestação mais importante é o *mutirão*, cuja origem tem sido objeto de discussões. Qualquer que ela seja, todavia, é prática tradicional. [...] Consiste [o mutirão] essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho.



Lucia Buccini, *Feirantes na estrada*.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010, p. 81-82.



Texto 2

Os trabalhadores como os retratados na imagem produzem sapatos na Índia, os quais são comercializados por um preço elevado. A indústria conta com aproximadamente 200 operários com jornada de trabalho de cerca de 16 horas diárias. Esses trabalhadores produzem, em média, 800 a 900 pares de sapatos por dia. Para isso, contam apenas com máquinas de costura, e todo o serviço é feito manualmente, tanto o corte do couro ou tecido, como a aplicação de pedras semipreciosas. O custo dos sapatos é inferior a 7 dólares, mas são comercializados por preços variados que giram em torno de 500 dólares, o que custaria em abril de 2014 o equivalente a R\$ 1.120,00, ou seja, valor superior ao salário mínimo paulista (R\$ 810,00 em janeiro de 2014). Os trabalhadores dormem na própria fábrica e o salário é suficiente apenas para sua alimentação.



© Amit Gupta/Reuters/Latinstock

Fonte: REHDER, Marcelo. O calçado é barato. O custo humano é caro. *O Estado de S. Paulo*, Economia, 28 jun. 2008. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral-o-calçado-e-barato-o-custo-humano-e-carro,197585>>. Acesso em: 15 out. 2014.

1 Há extração da mais-valia nas duas situações apresentadas? Justifique.

2 Se a fábrica de sapatos usasse mais máquinas para a produção dos calçados, o proprietário estaria extraindo mais-valia absoluta ou mais-valia relativa? Explique.



3 Quais são as principais diferenças entre as situações relatadas nos textos 1 e 2?



DESAFIO

Na produção social que os homens realizam, eles entram em determinadas relações indispensáveis e independentes de sua vontade; tais relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento das suas forças materiais de produção. A totalidade dessas relações constitui a estrutura econômica da sociedade – fundamento real, sobre o qual se erguem as superestruturas política e jurídica e ao qual correspondem determinadas formas de consciência social.

MARX, K. Prefácio à *Crítica da economia política*. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos 3*. São Paulo: Edições Sociais, 1977 (adaptado).

Para o autor, a relação entre economia e política estabelecida no sistema capitalista faz com que

- a) o proletariado seja contemplado pelo processo de mais-valia.
- b) o trabalho se constitua como o fundamento real da produção material.
- c) a consolidação das forças produtivas seja compatível com o progresso humano.
- d) a autonomia da sociedade civil seja proporcional ao desenvolvimento econômico.
- e) a burguesia revolucione o processo social de formação da consciência de classe.

Enem 2013. Prova Azul. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2013/caderno_enem2013_sab_azul.pdf>. Acesso em: 17 out. 2014.



O conceito de classe para Max Weber

Na análise sociológica, como em muitas áreas da ciência, há divergências sobre a compreensão dos fenômenos.

Para Max Weber, a sociedade é resultado das ações dos indivíduos. É com base nessa ideia que ele formulou o conceito de *ação social*, que você estudou no Volume 1, Unidade 3, e, caso necessite, poderá revê-lo.



Ao entender que é o homem, a partir da sua racionalidade, quem vai decidir os contornos da sociedade, Weber criou o conceito de **sociologia compreensiva**, que visa compreender o significado de uma determinada ação, bem como seus desdobramentos na sociedade.

Quando a sociedade é dividida em grupos, estabelece-se entre eles uma relação de desigualdade, um tendo mais poder que o(s) outro(s). No caso de essa desigualdade ter suas origens na situação econômica – um ter mais poder econômico que outro(s) –, esses grupos são denominados **classes**. Dessa forma, a sociedade passa a ter uma estratificação (separação em camadas, em estratos) social, a que se dá o nome de **estrutura de classes**, que define uma hierarquia, uma dominação e um conflito permanente entre elas.

Como Weber compreende a sociedade dividida em estratos sociais, ou estratificada, para ele, os homens também vão se relacionar com base na **estratificação social**, que está condicionada pela noção de poder.



Estratificação social

A palavra *estrato* é definida como: “Grupo ou camada social de uma população, definido em relação ao nível de renda, educação etc.”

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>.

A expressão *estratificação social*, amplamente empregada nas análises sociológicas, remete, portanto, à compreensão de que a sociedade é dividida de acordo com uma hierarquia calcada em critérios econômicos, políticos, profissionais e outros.

Para ele, **poder** é:

[...] a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária até mesmo contra a resistência de outros que participam da ação.

Pag. [126] – WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia*, publicado em língua portuguesa por LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora Copyright © 1982, reproduzido com permissão da Editora.

Classe para Weber é, portanto, uma definição que se orienta pelas características econômicas dos grupos sociais e dos indivíduos. É formada por um grupo de pessoas que compartilham interesses como propriedade, posição no mercado de trabalho, condições de rendimento etc.

Nas palavras do sociólogo, uma **situação de classe** pode ser expressa:



[...] como a oportunidade típica de uma oferta de bens, de condições de vida exteriores e experiências pessoais de vida, e na medida em que essa oportunidade é determinada pelo volume e tipo de poder, ou falta deles, de dispor de bens ou habilidades em benefício de renda de uma determinada ordem econômica. A palavra “classe” refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontram na mesma situação de classe.

Pag. [127] - WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*, publicado em língua portuguesa por LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora Copyright © 1982, reproduzido com permissão da Editora.

Weber destaca, então, três tipos de classes:

1. **Classe proprietária**, como o próprio nome sugere, é aquela cujo fato de ter determinado patrimônio lhe oferece a condição do que popularmente se conhece como “viver de renda”.
2. **Classe lucrativa**, formada por trabalhadores altamente qualificados como médicos e advogados; também possui outros segmentos como banqueiros, industriais etc.
3. **Classe social**, que pode ser composta pela pequena burguesia e também pelo proletariado. Observe que nesse tipo de classe o poder econômico é inferior às duas anteriores.

Fonte: WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. V. 1.

Uma distinção importante entre o que Marx e Weber compreendiam sobre classes é que:

- Karl Marx – clamava pela consciência de classe, pois seria pela conscientização das formas de exploração que os operários poderiam se unir e lutar contra a exploração presente no capitalismo e, assim, transformar a realidade e construir uma sociedade mais justa e menos desigual.
- Max Weber – para ele, não há consciência de classe, pois as classes obedecem a uma questão econômica e se definem pela produção de bens.

ATIVIDADE 2 Classes sociais

1 Para ajudar na compreensão sobre classes, observe as imagens apresentadas a seguir e reflita sobre o que há de comum entre elas, apesar dos diferentes contextos históricos que elas representam.

Depois de analisá-las, descreva:

- como eram as relações entre as classes em cada contexto histórico; e
- qual dessas classes detinha mais poder.



Brasil Colônia e Império

Senhores de terras e de escravos



Escravos



Idade Média

Senhor feudal



Servos





Idades Moderna e Contemporânea

Burgueses



Proletários



2 Com base nas respostas dadas ao exercício 1, elabore em seu caderno uma redação com o tema: “Classes sociais: do que se trata?”.

FICA A DICA!

Se tiver oportunidade, assista ao filme *Que horas ela volta?* (direção de Anna Muylaert, 2014), que retrata a vida de Val, uma empregada doméstica que deixa a filha aos cuidados da avó no Nordeste para vir trabalhar no Sudeste, criando os filhos dos seus empregadores. O debate sobre classes sociais está colocado nesse filme e contribui para desnaturalizar certas situações.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Refletindo sobre a mais-valia

1 Partindo do conceito de mais-valia, que é o lucro obtido pelo proprietário dos meios de produção a partir da exploração do trabalho, é possível afirmar que no mutirão caipira retratado por Antonio Candido *inexiste* a produção de mais-valia. Isso porque se trata de uma ação solidária e cooperativa entre os habitantes sem que haja uma relação de exploração e/ou obtenção de lucro. Por outro lado, no contexto da fábrica de calçados, há uma situação de exploração dos trabalhadores, que pode ser exemplificada pela relação entre o salário (7 dólares, equivalentes a aproximadamente R\$ 15,68) e o preço médio da mercadoria (500 dólares, ou cerca de R\$ 1.120,00). Portanto, apenas por essa relação a mais-valia já se apresenta. Além disso, o texto destaca que os operários dormem nos locais de trabalho e que seus salários são suficientes apenas para sua alimentação.



A foto revela péssimas condições de trabalho, assim como um aproveitamento do espaço físico que desconsidera a segurança e a saúde dos trabalhadores.

2 A utilização da maquinaria faz com que a quantidade da produção aumente. A mais-valia absoluta é a obtenção do lucro a partir da produção em determinado tempo de trabalho. Se, por exemplo, a jornada é de 8 horas diárias e os custos da produção são cobertos em 2 horas, o lucro obtido nas demais 6 horas é a *mais-valia absoluta*. Porém, se o proprietário incorporou ao processo produtivo máquinas que façam a produção aumentar, trata-se, portanto, de *mais-valia relativa*. O que aconteceria na fábrica de calçados descrita na atividade seria, então, a mais-valia relativa.

3 Existem várias diferenças que você pode ter listado, mas duas muito importantes de se notar são: 1. No texto 1, é possível observar uma relação de companheirismo, de solidariedade entre os moradores que vivenciam a mesma realidade; 2. Observando as duas situações, é notório que no primeiro texto não existe a preocupação com o “lucro”, enquanto no texto 2 apenas o lucro é o que importa, pois não há cuidados com o ambiente de trabalho.

Desafio

Alternativa correta: **b**. Na compreensão de Marx e Engels, é pelo trabalho que se garante a produção material, e, portanto, a sobrevivência da humanidade.

Para responder a essa questão, você pode ter partido de sua própria vivência e identificado os conceitos nela presentes. Desde sempre, o trabalho esteve relacionado à sobrevivência da humanidade: a caça, a pesca etc. Para Karl Marx, que você estudará com detalhes no Volume 3, o trabalho é a transformação da natureza e, nesse processo, a humanidade também se transforma. Isso porque as pessoas se relacionam com outras para produzir, formam grupos; no capitalismo, pertencem a uma classe social, e, assim, vão construindo uma sociedade. A produção é compreendida como aquela que permite satisfazer as necessidades de homens e mulheres. Neste tema, você estudou as formas de exploração presentes no capitalismo e, também, recuperou o conceito de mais-valia. Com base no que estudou até aqui, é possível analisar as demais alternativas.

A alternativa *a* não é correta, pois o proletariado não participa dos lucros obtidos pelos empregadores, ou seja, ele não é contemplado pelo processo de mais-valia (o lucro).

A alternativa *c* é errada visto que, para os autores, as relações de produção presentes no capitalismo se afastam da visão do progresso humano, pois, para eles, os capitalistas se preocupam exclusivamente com a obtenção dos lucros e pouco com as causas sociais presentes nas formas produtivas.

A partir da compreensão dos autores, a alternativa *d* é errada, pois a autonomia da sociedade só se dará a partir do acesso igualitário da produção para toda a população. Marx e Engels defendiam que os próprios trabalhadores organizassem a produção e a distribuição igualitária para a sobrevivência de todos, eliminando a divisão de classes e a acumulação de riquezas apenas para uma classe.

Já a alternativa *e* é incorreta porque, no pensamento de Marx e Engels, a burguesia jamais investirá ou contribuirá para que a sociedade alcance um estágio de consciência de classe, pois tal dimensão poderia fragilizar seu poder econômico e político em uma sociedade marcada pela divisão de classes.

Atividade 2 - Classes sociais

1 **Senhores de terras e de escravos:** os senhores de terras formavam a classe dominante, que possuía um conjunto de escravos. Como eram “donos” de humanos, tinham, portanto, o direito, o poder de tratá-los como bem lhes conviesse, até mesmo açoitando-os quando entendessem



No Tema 1, você estudou como dois autores clássicos da Sociologia compreendem as classes na sociedade. A análise, tanto de Marx como de Weber, indica que as classes são definidas pelo poder econômico. Assim, neste momento será estudada a desigualdade expressa pela via econômica para, em seguida, verificar como ela se desdobra em outros tipos de desigualdades.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Ao ouvir no noticiário o termo *desigualdade social*, o que lhe vem à mente?
- Veja a manchete de uma notícia publicada em 2014:

O GLOBO | ECONOMIA

20/01/2014 22:11

Grupo dos 85 mais ricos do mundo tem riqueza igual à dos 3,5 bilhões mais pobres

O Globo, Economia, 20 jan. 2014, 22h11. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/grupo-dos-85-mais-ricos-do-mundo-tem-riqueza-igual-dos-35-bilhoes-mais-pobres-11355568>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Quais conclusões você tira com base nessa manchete? De acordo com o que foi estudado no Tema 1, que explicações são possíveis para esse fato?

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Leitura de gráficos

Os gráficos apresentam informações de uma maneira que facilita a visualização e a interpretação de conteúdos que envolvem dados numéricos.

Eles contam com um título e alguns podem também ter subtítulo, que contemplam o tema do gráfico. Outro elemento importante nos gráficos é a fonte, que apresenta o instituto ou órgão que os produziu ou coletou os dados, para ser

possível avaliar se a informação é confiável. Dessa forma, sempre que você precisar ler e interpretar um gráfico, observe a esses elementos que o compõem: título, subtítulo e fonte.



A concentração da riqueza mundial

A Organização das Nações Unidas (ONU) analisa a situação de pobreza em cada país e os classifica segundo o grau de desigualdade. Para isso, são utilizados procedimentos matemáticos, entre eles, o *Índice de Gini*.

Com base nesses estudos sobre a concentração de riqueza nos países, foi construída no ano de 2013 a seguinte pirâmide elaborada de acordo com o valor do dólar, moeda estadunidense utilizada mundialmente para estabelecer os valores nas transações comerciais entre os países.

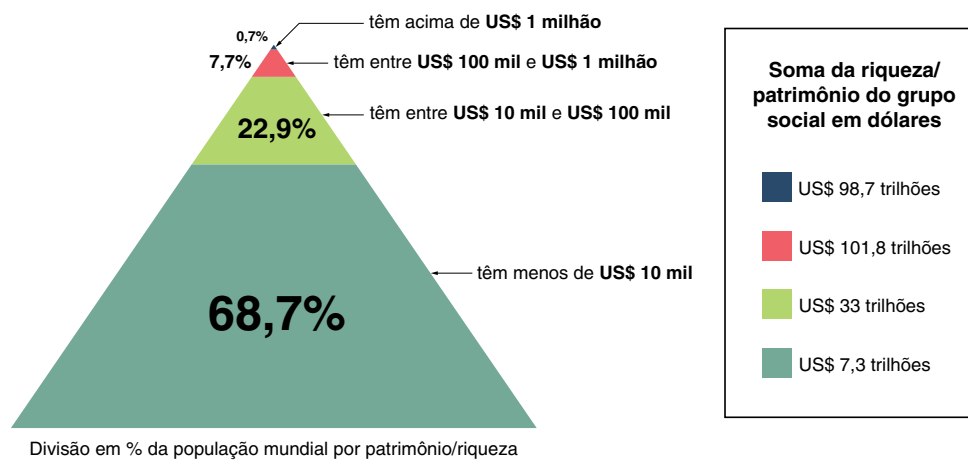


VOCÊ SABIA?

Para calcular a distribuição de renda nos países, o matemático italiano Corrado Gini desenvolveu um índice que ficou conhecido como *Índice de Gini*.

Esse índice foi elaborado com o intuito de analisar a distribuição de renda de uma população. Ele permite observar a distância entre o rendimento dos mais ricos e o dos mais pobres. É de extrema relevância para a elaboração de programas sociais, como os de distribuição de renda (o Programa Bolsa Família do Governo Federal ou o Renda Cidadã do Governo do Estado de São Paulo).

Pirâmide de riqueza mundial



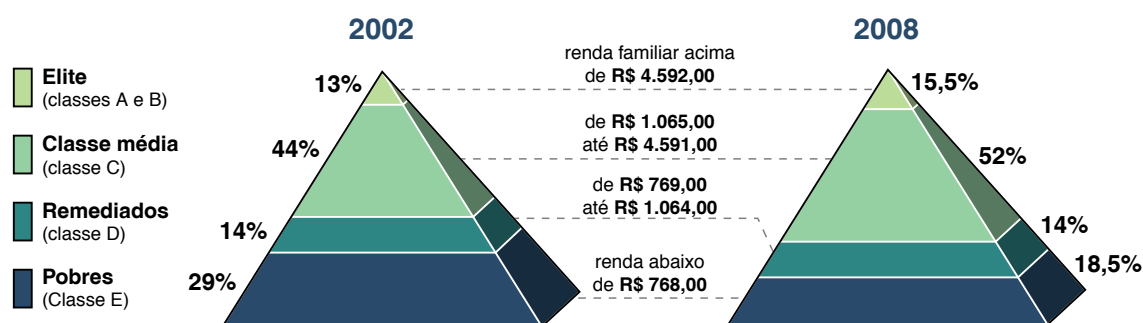
Fonte: GLOBAL Wealth Report 2013, p. 22. Disponível em: <<https://publications.credit-suisse.com/tasks/render/file/?fileID=BCDB1364-A105-0560-1332EC9100FF5C83>>. Acesso em: 30 out. 2014.

O que a pirâmide informa?

Pode-se começar convertendo os valores da pirâmide, que estão expressos em dólar, para o real. Em 2014, 1 dólar correspondeu, em média, a cerca de R\$ 2,35. Portanto:

- Praticamente 7 em cada 10 pessoas (68,7%) possuem patrimônio e riqueza inferiores a R\$ 23.500,00.
- Em contraposição, apenas 7 em cada mil pessoas, ou 0,7% da população mundial, têm acima de 1 milhão de dólares, isto é, R\$ 2.350.000,00.

O gráfico permite chegar à seguinte conclusão: ele demonstra que há muita riqueza e patrimônio nas mãos de poucas pessoas. Esse fenômeno é denominado **concentração de renda**.



Fonte: NERI, Marcelo. *A nova classe média*. São Paulo: FGV, 2008.



Ao analisar dados como esses, é sempre preciso fazer uma leitura do que realmente acontece e de como os dados são apresentados. Ao olhar ao redor, é possível perceber que as pessoas mais pobres tiveram uma melhora de vida? Sim, pode-se dizer que as pessoas mais pobres tiveram maior acesso ao consumo, entre outros exemplos. Mas é importante notar que os dados refletem também uma compreensão do que se classifica como pobre. Uma pessoa que tinha rendimento mensal de R\$ 768,00 era considerada “pobre”, mas se ela recebesse R\$ 769,00, passaria a ser “remediada”. E então, ela deveria estar em qual posição na pirâmide?

IMPORTANTE!

Diferença não é sinônimo de desigualdade. Atente sempre para o emprego dos termos, pois eles indicam significados distintos. Veja o exemplo:

Todos sabem que homens e mulheres se diferenciam pelo sexo: isso é, portanto, uma diferença.

Mas ao dizer: os salários recebidos pelas mulheres são inferiores aos dos homens, apresenta-se uma situação de desigualdade entre os sexos.

ATIVIDADE 1 Pedras que cantam

Você já ouviu esta canção? Leia a letra que segue:

Pedras que cantam

Dominginhos e Fausto Nilo

Quem é rico mora na praia
mas quem trabalha nem tem onde morar
Quem não chora dorme com fome
mas quem tem nome joga prata no ar

Ô tempo duro no ambiente,
ô tempo escuro na memória,
o tempo é quente
E o dragão é voraz...

Vamos embora de repente,
vamos embora sem demora,
vamos pra frente
que pra trás não dá mais

Pra ser feliz num lugar
pra sorrir e cantar
tanta coisa a gente inventa,

mas no dia que a poesia se arrebenta
É que as pedras vão cantar

© 1991 by SM PUBLISHING (BRAZIL) EDIÇÕES MUSICAIS LTDA/ Universal Music Group. All rights reserved.

Agora observe as imagens:

Imagem 1



Morador de rua (São Paulo-SP).

Imagem 2



Mansão em praia brasileira.



1 Com base no que você estudou, quais são as relações possíveis entre a canção e as imagens?

2 Como a canção e as imagens expressam a realidade brasileira? Justifique sua resposta.

3 Como você percebe a presença da desigualdade social no seu dia a dia? Dê exemplos de desigualdade social na realidade em que você vive.

Desigualdade racial

Foi possível compreender até aqui que os mais ricos detêm maior poder econômico e, portanto, têm acesso aos bens culturais e à educação de qualidade. Algumas vezes, já são herdeiros de propriedades, de meios de produção e, portanto, podem viver da exploração do trabalho de outros.

Tal constatação se desdobra em diversos tipos de desigualdade.

Em nosso passado escravocrata, criou-se e alimentou-se o preconceito racial. Esse comportamento por parte da sociedade reflete-se nas oportunidades de emprego e nas condições de vida na atualidade. Contudo, adotou-se um padrão comportamental, por parte significativa da população brasileira, que tenta esconder o preconceito. Pergunte a um vizinho ou a um amigo se ele se considera preconceituoso em relação, por exemplo, aos negros ou às mulheres. A resposta que a sociedade espera, e que provavelmente será dada, é sempre “não”. Mas, em geral, na prática isso não se concretiza.



ATIVIDADE

2

Raça, rendimento e escolaridade

A desigualdade racial se expressa em muitos âmbitos da vida social (como no mercado de trabalho). Leia o texto a seguir, que discute alguns dados do Censo Demográfico 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Depois, responda às questões propostas.



UOL NOTÍCIAS

29/06/2012 10h00

Branços ganham o dobro que negros e dominam ensino superior no país, mostra Censo 2010

Débora Melo do UOL, em São Paulo

Dados do Censo Demográfico 2010, divulgados nesta sexta (29) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostram que a desigualdade racial continua no Brasil, com brancos recebendo salários mais altos e estudando mais que os negros (pretos e pardos).

Segundo o levantamento, essa realidade é ainda mais acentuada na região Sudeste, onde os rendimentos recebidos pelos brancos correspondem ao dobro dos pagos aos pretos. A menor diferença é observada na região Sul, onde a população branca ganha 70% mais que aquela que se autodeclarou preta.

De acordo com Jefferson Mariano, analista socioeconômico do IBGE, esses indicadores pouco mudaram com o passar dos anos. “Nós até observamos uma redução da desigualdade nesse aspecto, mas a queda é muito tímida”, diz.

Para o analista, a cidade de São Paulo serve como um “ótimo exemplo” dessas desigualdades. “A população do Alto de Pinheiros [bairro da Zona Oeste], por exemplo, é majoritariamente branca, enquanto em Parelheiros [bairro no extremo da Zona Sul] predomina a população negra.”

“O rendimento médio domiciliar *per capita* de Parelheiros corresponde a 10% do rendimento dos moradores do Alto de Pinheiros. Não por acaso, a população negra do Alto de Pinheiros, assim como a branca de Parelheiros, é inexpressiva”, afirma Mariano, citando dados do IBGE.

O levantamento ainda constatou uma maior proporção das pessoas que se autodeclararam brancas entre os grupos de segurados da Previdência Social, bem como entre os empregadores (3% entre os brancos contra 0,6% entre os pretos e 0,9% entre os pardos).

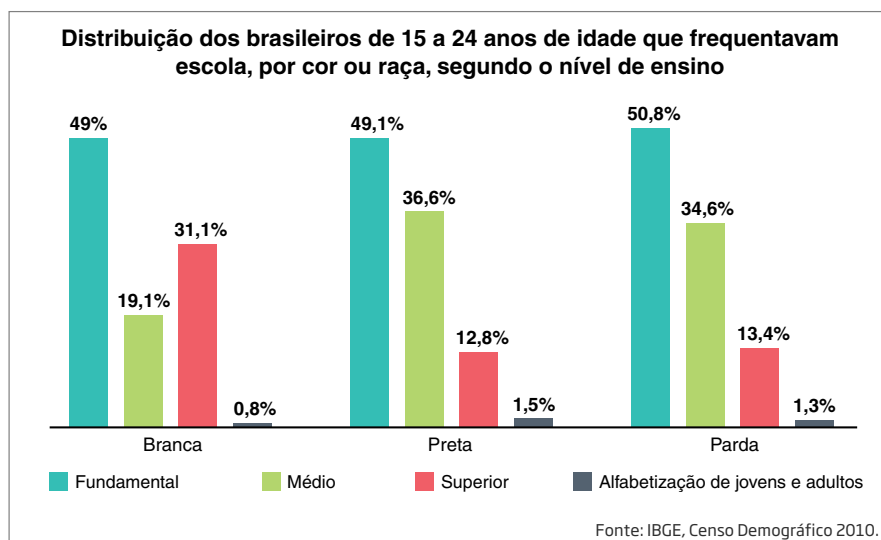
Ensino superior

O Censo 2010 mostra que os brancos também dominam o ensino superior no país: considerando a faixa etária entre 15 e 24 anos, 31,1% da população branca frequentava a universidade. Em relação aos pardos e pretos, os índices são de 13,4% e 12,8%, respectivamente.

ENSINO SUPERIOR

- 31,1% – brancos
- 13,4% – pardos
- 12,8% – pretos

A pesquisa ainda observou diferenças relevantes na taxa de analfabetismo entre as categorias de cor e raça. Enquanto para o total da população a taxa de analfabetismo é de 9,6%, entre os brancos esse índice cai para 5,9%. Já entre pardos e pretos a taxa sobe para 13% e 14,4%, respectivamente.



População negra aumenta

Embora a população que se autodeclara branca ainda seja maioria no Brasil, o número de pessoas que se classificam como pardas ou pretas cresceu, enquanto o número de brancos caiu, diz o levantamento do IBGE.

O percentual de pardos cresceu de 38,5%, no Censo de 2000, para 43,1% (82 milhões de pessoas) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Por outro lado, enquanto mais da metade da população (53,7%) se autodeclarava branca na pesquisa feita dez anos antes, em 2010 esse percentual caiu para 47,7% (91 milhões de brasileiros).

De acordo com o analista do IBGE, essa inversão faz parte de uma mudança cultural que vem sendo observada desde o Censo de 1991. “Muitos que se autodeclaravam brancos agora se dizem pardos, e muitos que se classificavam como pardos agora se dizem pretos. Isso se deve a um processo de valorização da raça negra e ao aumento da autoestima dessa população”, diz Mariano.

O analista, no entanto, afirma que “o Brasil ainda é racista e discriminatório”. “Não é que da noite para o dia o país tenha deixado de ser racista, mas existem políticas. As demandas [da população negra], a questão da exclusão, tudo isso começou a fazer parte da agenda política. A cota racial em universidades, por exemplo, é um desdobramento disso”, afirma Mariano.

UOL Notícias, Cotidiano, 29 jun. 2012, 10h00. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/brancos-ganham-duas-vezes-mais-que-negros-e-dominam-ensino-superior-no-pais-mostra-censo-2010.htm>>. Acesso em: 10 set. 2014.

1 Há diferença entre o rendimento de brancos e não brancos? Quais são os argumentos presentes no texto que explicam sua resposta?



2 Qual é o percentual de escolaridade de brancos em cada nível de ensino? E de pretos e pardos? Com base no que estudou neste tema, como é possível explicar essas diferenças?



O racismo é crime inafiançável no Brasil. Desde a promulgação da Constituição de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, reconhece-se que todos os cidadãos são iguais perante a lei. Conheça o Artigo 5º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

[...]

BRASIL. Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 set. 2014.

IMPORTANTE!

Os movimentos negros apresentam uma história de lutas coroada com muitas vitórias, mas é preciso reconhecer que essas lutas ainda são muitas em uma sociedade marcada pelo racismo.

O antropólogo Kabengele Munanga é defensor das políticas de combate ao racismo e afirma que assegurar a entrada de negros nas universidades públicas por meio de cotas é uma forma de reduzir a desigualdade entre negros e brancos no Brasil.

Saiba mais lendo uma entrevista desse antropólogo, disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/a-educacao-colabora-para-a-perpetuacao-do-racismo>>. Acesso em: 10 set. 2014.





Sociologia – Volume 2

Desigualdade social

Esse vídeo ajudará a complementar o entendimento sobre o conteúdo contemplado nesta Unidade. O vídeo tem a intenção de levá-lo a refletir sobre as diversas formas de desigualdade social vivenciadas no Brasil, buscando discutir os aspectos que contribuem para a permanência dessas situações na atualidade.

ATIVIDADE 3 Somos humanos?

Observe as imagens:

Século XVIII



Jean-Baptiste Debret. *Aplicação do castigo do açoite, 1835.*

Século XXI



Carlos Latuff. *A barbárie cotidiana no Rio de Janeiro, 2014.*

O texto reproduzido a seguir foi escrito logo após um adolescente ser acorrentado a um poste com uma trava de bicicleta no Rio de Janeiro (RJ), em janeiro de 2014, situação aqui retratada pela charge de Carlos Latuff.

Durante a leitura, assinale as passagens que considerar importantes para sua compreensão.

← → http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/17/opinion/1392640036_999835.html ☆ ↻

EL PAÍS | OPINIÃO 🔍

17 FEV 2014 9h27

Nós, os humanos verdadeiros

Eliane Brum

QUEM ESTAVA NU ALÉM DO MENINO NEGRO ACORRENTADO A UM POSTE POR JUSTICEIROS?

Precisei escutar o discurso do bem. O que dizem aqueles que acorrentaram um menino negro a um poste com uma trava de bicicleta no Flamengo, no Rio, em 31 de janeiro. Aqueles que cortaram sua orelha, aqueles que arrancaram suas roupas. O que dizem aqueles que defendem os jovens brancos que torturaram o jovem negro. Eu sei que os homens e as mulheres que evocam o direito de acorrentar adolescentes negros em postes, cortar a sua orelha e arrancar suas roupas porque se anunciam como homens e mulheres de bem – e homens e mulheres de bem podem fazer tudo isso – estão ao meu redor. Eu os encontro na padaria, os cumprimento no elevador, agradeço a eles quando me permitem atravessar na faixa de segurança. Eles estão lá ao ligar a TV. Mas o que eles dizem que é preciso escutar?

O discurso do bem cabe em poucas frases. O Estado é omissivo. A polícia é desmoralizada. A Justiça é falha. Diante desses fatos, e todos os fatos são sempre inquestionáveis no discurso do bem, acorrentar jovens negros em postes com trava de bicicleta, cortar a sua orelha e arrancar suas roupas é um direito de legítima defesa dos cidadãos de bem. Se quiserem torturar o menino negro, como fizeram, eles podem, assegura o bem. Se quiserem matá-lo, eles podem, também. E alguns o fazem. Meninos negros não são meninos. Não é preciso investigação, não é preciso julgamento, não é preciso lei. Os cidadãos de bem sabem, porque são a lei. Também são a justiça. O menino é um marginalzinho, é também um vagabundo, diz o bem. E bandido bom é bandido morto, garante o bem. Se você não pensa assim, o bem tem um pedido a lhe fazer: faça um favor ao Brasil, adote um bandido. Simples, direto, objetivo. O discurso do bem orgulha-se de ser simples, orgulha-se de só ter certezas. A dúvida atrapalha o bem. E o bem não deve ser perturbado. E como duvidar que acorrentar um menino negro a um poste pelo pescoço, cortar a sua orelha e arrancar suas roupas é o bem?

Encontro uma explicação definitiva no discurso dos justiceiros amplificado nas redes sociais. Quem acorrenta um jovem negro a um poste, corta um pedaço da sua orelha e

arranca suas roupas – e quem defende o direito de fazer tudo isso – são os “verdadeiros humanos”. E também os “humanos verdadeiros”.

É uma guerra, descobro, entre humanos verdadeiros e humanos falsos.

Neste ponto, tenho uma dúvida. Talvez eu não seja uma humana verdadeira – ou uma verdadeira humana –, porque além dessa dúvida sobre a veracidade de minha humanidade, eu ainda tenho outra. O que os humanos verdadeiros – ou verdadeiros humanos – viram ao arrancar a roupa do menino negro? O que eles enxergaram ao se deparar com sua nudez? Será que foi por isso que arrancaram suas roupas, para provar que ele não era humano? O que aconteceu quando descobriram que seu corpo era igual ao deles? Ou não era? Será que foi nesse momento que cortaram a sua orelha, para marcá-lo como um humano falso, já que Deus ou a evolução não haviam providenciado essa diferença no corpo? Ou basta a cor, como já disse um pastor evangélico dedicado aos direitos humanos? Que perturbadora pode ter sido a nudez do menino, ao se tornar espelho dos justiceiros e os deixar nus, enquanto batiam nele com seus capacetes.

Quem estava nu nessa cena?

As dúvidas não fazem bem ao bem. Por associação eu concluo que há também os jornalistas falsos e os verdadeiros. Os falsos tenderiam a acreditar que, no jornalismo, uma opinião só pode ser dada com informação, pesquisa e investigação da realidade – ou não é uma opinião para o jornalismo, só um vômito de palavras. Os falsos pensariam que, para falar das ruas, seria preciso ir às ruas. Os falsos mostrariam que, quem mais morre por violência, no Brasil, são os jovens negros e pobres como aquele que foi acorrentado a um poste pelo pescoço. Mostrariam também que as maiores vítimas de violência de todos os tipos estão nas periferias e nas favelas – e não no centro, muito menos nos condomínios fechados. Os falsos se preocupariam em esmiuçar o contexto em que o fato foi produzido, explicar as raízes históricas que fazem com que as maiores vítimas de violência sejam os negros e os pobres, a começar pela abolição da escravatura que não se completou. Os falsos se esforçariam para revelar a complexidade de uma cena que remete à escravidão se repetir mais de 125 anos depois da Lei Áurea. Os falsos buscariam analisar como a violência é uma marca de identidade nacional, presente ao longo da constituição da sociedade brasileira – e que aquele que diz punir, de fato se vinga. Os falsos saberiam que uma imagem não desvenda tudo nem é toda a verdade. Os falsos suspeitariam que defender o linchamento, ainda que de humanos falsos, e abrir espaço para o incitamento ao linchamento em veículos de massa e na grande mídia poderia ser considerado uma irresponsabilidade que desqualifica o jornalismo e reduz a imprensa.

Mas esse é o problema dos falsos. Eles acham que a realidade não cabe em meia dúzia de frases repetidas de forma diferente. São falsos e são fracos porque duvidam das verdades absolutas. Os jornalistas verdadeiros não têm dúvida nenhuma, nem mesmo uma bem pequena. O mundo acaba nos limites do seu próprio mundo, mesmo que este seja um condomínio fechado e que nas poucas vezes em que saiam de casa seja em carro blindado, de um lugar protegido por seguranças a outro lugar protegido por seguranças. Os jornalistas verdadeiros conquistaram, porque são verdadeiros, o direito de estabelecer os limites do mundo e de falar apenas a partir dele. A alteridade, assim como o movimento de escutar o outro e experimentar o seu argumento, faz mal ao bem e também ao jornalismo verdadeiro.

Divaguei. E divagações não fazem bem ao bem. A questão maior, a que abarca todas as outras, inclusive a dos jornalistas, é a dos verdadeiros humanos – ou dos humanos verdadeiros. Também conhecidos como cidadãos de bem.

Aqui, exatamente aqui, eu tenho outra dúvida. Essa me perturba mais. Percebo que, se estes são os humanos verdadeiros, os que acorrentam jovens negros a postes com travas de bicicleta, cortam a sua orelha e arrancam suas roupas – assim como os que defendem os cidadãos de bem que fazem tudo isso –, minha tendência é me alinhar aos humanos falsos.

A distinção, porém, permaneceria. Com o tempo, eu poderia sucumbir à tentação de considerar que os falsos são os melhores. E, em seguida, talvez ousasse dizer que os falsos, na verdade, são mais humanos do que os outros. E, logo, aqueles que não acorrentam jovens negros em postes, não cortam sua orelha, não arrancam suas roupas – e aqueles que não defendem os cidadãos de bem que fazem tudo isso – seriam os verdadeiros humanos – ou os humanos verdadeiros. E eu me colocaria ao lado deles, como uma apaziguada companheira de manada.

Mas seria fácil demais.

Difícil seria compreender não a diferença, mas a igualdade. Difícil não é me diferenciar, mas me igualar, perceber em que esquinas minha humanidade se encontra com a do menino negro preso ao poste e também com a humanidade dos jovens brancos que acorrentaram o jovem negro ao poste. Para isso, eu preciso perceber que aqueles que arrancaram as roupas do menino ficaram nus, sim, mas também me deixaram nua. Nos deixaram nus. Nós, que não compactuamos com quem acorrenta jovens negros em postes, somos aqueles que estavam na cena, mas não aparecem na imagem. E por isso podem se esconder melhor.

É para isso que também serve o discurso do bem. Ou o discurso do ódio, se preferirem. Para que possamos nos contrapor a ele e nos assegurarmos não só da nossa diferença, mas principalmente da nossa inocência. Para que possamos continuar vivendo na ilusão de que fazemos algo para que meninos negros não sejam acorrentados em postes pelo pescoço. Na ilusão de que fazemos algo para que meninos negros não se tornem, caso alcancem a vida adulta, homens e mulheres que ganham menos que os brancos, que têm menos educação que os brancos, que têm menos saúde que os brancos, que sejam a maioria nas casas sem saneamento. Na ilusão de que fazemos algo para que as mulheres negras não sejam as que mais morrem no parto nem seus filhos os que preenchem as estatísticas de mortalidade infantil. Na ilusão de que fazemos algo para que jovens negros não tenham a entrada banida em shoppings, exceto para trabalhar. O discurso do ódio também serve para que possamos nos contrapor a ele e manter intacta a ilusão de que fazemos algo para que jovens negros não sejam os que morrem mais e mais cedo.

É preciso encarar nossa nudez nesse espelho em que a imagem, sempre incompleta, mostra apenas o menino negro nu. E abrir mão de uma certa soberba que faz com que, no fundo, acreditemos que somos nós os cidadãos de bem – os civilizados contra os bárbaros. E que dizer isso basta para um sono sem sobressaltos.

A maioria (79%), pelo menos no Rio de Janeiro, segundo pesquisa do Datafolha[*], é contra acorrentar jovens negros a postes. (O maior índice de aprovação aos justiceiros é encon-

[*] AÇÃO de "justiceiros" é reprovada por 79% no Rio. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, Rio de Janeiro, 15 fev. 2014, 16h00. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1412865-acao-de-justiceiros-e-reprovada-por-79-no-rio.shtml>>. Acesso em: 22 set. 2014 [nota do editor].



trado entre os brancos, os mais ricos e os mais escolarizados, e este é um dado importante.) Mas o poste/tronco é apenas a imagem extrema, hiper-real, do que a maioria convive, dia após dia, sem perceber que deveria ser impossível conviver com o fato de que uma parte da população brasileira tem menos tudo, inclusive vida. A abolição incompleta da escravatura está em todas as horas do Brasil. Se não fosse mais conveniente ser cego, enxergaríamos jovens negros presos a postes pelo pescoço o tempo todo. O que a quadrilha de jovens brancos, de classe média, fez ao acorrentar o jovem negro a um poste foi uma interpretação literal da realidade cotidiana. Porque seu pensamento é simplista, direto, objetivo, escancararam o que se expressa no dia a dia de formas menos explícitas. O que os brutos realizaram, porque esse também é o papel dos brutos, é a materialização de uma realidade simbólica com a qual convivemos sem pruridos. Ao fazê-lo, os justiceiros nos dão, de novo, a chance de exaurirmos nossa omissão em ruidosa revolta, e voltar esgotados de imagem para o sono dos justos.

Os brutos não são a maioria, pelo menos nesse caso, pelo menos no Rio. A maioria é contra acorrentar jovens negros a postes, cortar sua orelha e arrancar suas roupas. Então, por que a abolição da escravatura ainda não se completou no Brasil? Porque nossa cumplicidade encontra caminhos para se convencer inocente.

Somos os “sonsos essenciais”. O termo é de Clarice Lispector, no melhor texto que li sobre a cena do menino negro acorrentado a um poste pelo pescoço. Com o detalhe que foi escrito na década de 60 do século passado. [...]

Para fazer a diferença é necessário se diferenciar. Mas só se diferencia aquele que antes se iguala. Levanta os olhos e encara, no espelho que é o outro, a enormidade de sua nudez.

Eliane Brum é escritora, repórter e documentarista. Autora dos livros de não ficção *A Vida Que Ninguém vê*, *O Olho da Rua* e *A Menina Quebrada* e do romance *Uma Duas*. Email: elianebrum@uol.com.br. Twitter: @brumelianebrum

El País, Opinião, 17 fev. 2014, 9h27. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/17/opinion/1392640036_999835.html>. Acesso em: 10 set. 2014.

Com base no que você estudou nesta Unidade, responda às questões a seguir:

1 Qual é o tema do texto de autoria de Eliane Brum?

2 Quais são os argumentos que ela utiliza para defender seu ponto de vista?



GÊNERO E SEXO SÃO SINÔNIMOS?

É comum as pessoas empregarem as palavras “gênero” e “sexo” no mesmo sentido: “Ela é do sexo feminino”, “Ele é do gênero masculino”. Mas os estudos da Sociologia mostram que gênero e sexo são coisas diferentes.



Di Cavalcanti. *Mulheres protestando*, 1941.

O gênero tem relação com a forma pela qual a sociedade optou por um tipo de divisão sexual do trabalho e dos meios de produção. Ou seja, as sociedades preferiram destinar às mulheres e aos homens diferentes atividades produtivas. Estudos indicam que, ainda hoje, as mulheres (em todo o mundo) são as responsáveis pelo cuidado dos filhos, da casa, dos idosos e enfermos. Essa forma de compreender o trabalho feminino se expressa também no mercado de trabalho, pois as ocupações e profissões com maior número de mulheres são aquelas associadas aos considerados “atributos femininos” pela sociedade: paciência, cuidado, delicadeza etc. Enquanto para os homens são destinadas aquelas de maior prestígio social e mais bem remuneradas. Outro aspecto é a separação das tarefas que cada um deve desempenhar no que diz respeito à reprodução humana.

O sexo, por sua vez, refere-se às diferenças fisiológicas verificáveis entre homens e mulheres.

Veja a definição que traz o *Dicionário crítico do feminismo*:

[...] O gênero se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociosexual do trabalho e dos meios de produção, 2) na organização social do trabalho de procriação, em que as *capacidades* reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais. [...]

HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 223.

Observe como a história do trabalho feminino traz raízes que condicionavam a mulher a uma situação de submissão ao marido. Por mais de 150 anos, a mulher que quisesse trabalhar por conta própria precisava seguir alguns critérios. Veja o que o Código Comercial (Lei nº 556/1850), que foi amplamente modificado só em 2002, dizia:

Das Qualidades Necessárias para ser Comerciante (*)

Art. 1 – Podem comerciar no Brasil:

[...]

4 – As mulheres casadas maiores de 18 (dezoito) anos, com autorização de seus maridos para poderem comerciar em seu próprio nome, provada por escritura pública. As que se acharem separadas da coabitação dos maridos por sentença de divórcio perpétuo, não precisam da sua autorização.

[...]

Art. 28 – A autorização para comerciar dada pelo marido à mulher pode ser revogada por sentença ou escritura pública; mas a revogação só surtirá efeito relativamente a terceiro depois que for inscrita no Registro do Comércio, e tiver sido publicada por editais e nos periódicos do lugar, e comunicada por cartas a todas as pessoas com quem a mulher tiver a esse tempo transações comerciais.

*Obs.: Esses artigos foram revogados pela Lei nº 10.406 de 10/01/2002 (Código Civil).

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 556, de 25 de junho de 1850. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L0556-1850.htm>. Acesso em: 10 set. 2014.



VOCÊ SABIA?

Pesquisas indicam que os homens recebem salários 30% maiores que o das mulheres.

Os dados demonstram que os homens ganham mais que as mulheres em qualquer tipo de comparação: idade, grau de escolaridade, tipo de contrato.

Observa-se também que o salário é ainda mais baixo se a mulher for negra. Ou seja, a desigualdade e o preconceito caminham juntos quando o assunto é trabalho feminino.

Saiba mais sobre esse assunto consultando o site Observatório de Gênero: <<http://www.observatorio.degenero.gov.br>> (acesso em: 10 set. 2014).

ATIVIDADE 4 A propaganda e a mulher

1 Observe atentamente os detalhes das duas propagandas a seguir:



Propaganda 1 – Anos 1950



Image courtesy of The Advertising Archives

Propaganda 2 – Anos 2000



© Shawn Roberts/123RF





O que essas propagandas têm em comum, se for considerado o trabalho da mulher?

2 Leia a seguir um assunto frequentemente publicado em jornais e revistas femininas da década de 1950:

É preciso saber estimular as crianças com brinquedos e brincadeiras adequadas.

Para as meninas, os brinquedos que despertam o sentido de ser mãe desde a mais tenra idade são os mais acertados. A boneca terá os cuidados de um bebê, as panelinhas trarão o gosto pelo dever de cozinhar.

Para os meninos, são importantes brincadeiras que enalteçam sua coragem e, assim, serão mais preparados para assumir o papel de chefes da futura família.

As propagandas, as revistas e os jornais auxiliavam na construção de um modelo feminino. Como você compreende as propagandas veiculadas hoje? Elas possuem a mesma lógica daquelas veiculadas na década de 1950?

3 Na sua opinião, como é a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres na atualidade? Por que existe essa divisão?





HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Pedras que cantam

Note que a atividade solicita leitura e observação atentas da letra da canção e das imagens apresentadas, pois a recomendação não é apenas uma orientação para a realização, mas é a partir do cuidado nas etapas que você terá mais elementos para respondê-la.

1 As respostas podem ter sido variadas, mas, seja qual for o caminho escolhido por você, seria necessário destacar que as desigualdades sociais determinam as condições de moradia e de alimentação, retratadas também nas imagens. Além disso, a letra revela a injustiça social no trecho: “quem é rico mora na praia, mas quem trabalha nem tem onde morar”. A frase expressa a desigualdade na distribuição de renda e pode também ter sido relacionada ao que você tem estudado até aqui em Sociologia no que se refere à propriedade dos meios de produção, aos detentores da propriedade privada, do capital e que vivem do trabalho feito por outros.

2 Para uma resposta mais elaborada, você pode ter recorrido aos dados apresentados no texto, em especial nas pirâmides que mostram a divisão social no Brasil.

3 Você pode ter realizado uma descrição do bairro onde mora e comparado-o com outros cujos habitantes possuem outro nível de rendimento. A caracterização do bairro pode ter sido feita relatando os tipos das moradias que predominam, os meios de transporte que servem o bairro, se há equipamentos sociais (postos de saúde, escolas, espaços de lazer etc.) adequados para a população etc. O importante é ter destacado as diferenças sociais existentes nas cenas que observa diariamente, seja onde mora ou nos locais por onde transita, e que são reveladoras das desigualdades sociais. Por exemplo: condomínios de luxo e habitações populares que sejam vizinhas.

Atividade 2 - Raça, rendimento e escolaridade

1 Os dados do Censo 2010 presentes no texto indicam que ainda hoje os salários recebidos por brancos são superiores aos dos negros. Essa situação é mais acentuada na região Sudeste. E a menor diferença salarial entre brancos e negros se dá na região Sul.

2 Os dados relativos ao Ensino Fundamental variam pouco entre brancos, pretos e pardos (49%, 49,1% e 50,8%). No Ensino Médio, você constatou que a maioria dos estudantes é preta ou parda. Se relacionar o que estudou nesta Unidade, você pode chegar às seguintes informações: a população mais pobre é não branca e é esse segmento que teve acesso à educação pública nesse nível mais recentemente. Assim, você pode ter construído hipóteses sobre esse aspecto. Na sua resposta, você pode ter destacado, ainda, que o percentual de brancos que cursavam o nível superior é mais que o dobro em relação a pretos e pardos. A justificativa dessa questão está na articulação de aspectos da história do País, calcada no preconceito e na sociedade escravocrata, e nas desigualdades sociais que esse passado gerou.

Atividade 3 - Somos humanos?

1 Tema: preconceito racial.

2 Os argumentos construídos pela autora baseiam-se no pensamento daqueles que julgam pessoas das classes mais pobres e negras como seres inferiores e considerados marginais à sociedade



em que vivemos. É a partir dessa constatação que você pode ter construído seus argumentos, identificando quem são os verdadeiros humanos; quem se dá o direito de humilhar alguém a ponto de retirar suas roupas e prendê-lo a um poste. Seriam essas pessoas verdadeiramente humanas?, pergunta a autora.

3 Não, ela não está de acordo com o ocorrido no Rio de Janeiro. Ao contrário, ela mostra sua indignação em relação ao fato e adota um tom irônico no texto. As passagens para justificar a posição da autora são várias e você pode ter optado por uma ou mais de uma. Seguem exemplos: “as maiores vítimas de violência de todos os tipos estão nas periferias e nas favelas – e não no centro, muito menos nos condomínios fechados” ou “aqueles que não acorrentam jovens negros em postes, não cortam sua orelha, não arrancam suas roupas – e aqueles que não defendem os cidadãos de bem que fazem tudo isso – seriam os verdadeiros humanos – ou os humanos verdadeiros”.

4 Para elaborar a redação proposta, você pode ter feito uso dos dados que estudou até aqui e citado os aspectos históricos que construíram uma sociedade desigual como a brasileira.

Atividade 4 - A propaganda e a mulher

1 As propagandas revelam que, a despeito de a sociedade ter sido profundamente alterada, a mulher ainda é compreendida como “cuidadora”, o que revela a divisão entre os sexos.

2 As propagandas veiculadas na atualidade utilizam imagens e discursos mais sutis, mais indiretos do que as das décadas anteriores. Contudo, é possível observar como o papel da mulher é construído, por exemplo: em uma propaganda para remédio ou cuidados com as crianças, é sempre a mãe quem aparece; na destinada à venda de um eletrodoméstico, também a personagem principal é a mulher. Então, é possível concluir que permanece ainda uma mensagem, às vezes direta, outras nem tanto, sobre o papel da mulher na sociedade, o qual é mais associado à vida doméstica e aos cuidados a ela relacionados.

3 Da mesma forma que a sociedade construiu o preconceito em relação aos negros, isso também ocorreu no que diz respeito às mulheres. A sociedade relacionou a maternidade e a capacidade feminina de ter filhos às ocupações domésticas, que incluem limpeza, cuidados com crianças, idosos e enfermos. Por que seriam as mulheres mais destinadas a esse papel? O fato de procriarem é motivo para redução de salários? Essas são algumas questões que você pode ter respondido nesse item.



Registro de dúvidas e comentários

TEMAS

1. Violência: entendendo esse fenômeno
2. Diferentes dimensões da violência

Introdução

Nesta terceira Unidade, será abordado outro tema importante para a Sociologia, igualmente relevante e presente em nosso cotidiano: a violência.

É inegável o fato de que a violência faz parte da nossa sociedade, e não é apenas no Brasil que essa realidade existe. Atualmente, ela assume diversas faces e se coloca como um problema social em quase todos os países do mundo.

Nos dois temas que dividem esta Unidade, o objetivo será compreender aspectos desse fenômeno que possibilitem uma reflexão crítica sobre as diferentes formas de violência, como elas se apresentam e se estabelecem na sociedade brasileira.

Violência: entendendo esse fenômeno

TEMA 1

Neste tema, o objetivo é compreender a violência por meio de uma análise crítica dessa problemática e discutindo, do ponto de vista histórico e sociológico, sua construção e permanência em nossa sociedade.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

A violência não é um fenômeno desconhecido ou incomum em nossa sociedade. E não apenas no âmbito nacional, pois também é possível ver, ouvir e ler todos os dias, nos diversos meios de comunicação, referências a episódios de violência em vários países.

De fato, esse é um fenômeno vivenciado e/ou observado constantemente em nosso dia a dia, de diversas formas e em diferentes espaços.

Para você, o que é violência? Em sua opinião, você vivencia ou já vivenciou algum tipo de violência? Conhece alguém que vivencia tal situação?



Anote suas respostas a seguir, pois elas serão retomadas mais adiante, conforme avançar nas reflexões sobre o tema.



A violência na formação do Estado brasileiro

A violência não é algo exclusivo do mundo contemporâneo. Trata-se de uma prática antiga, presente nas mais diversas sociedades e concretizada de diferentes formas.

O que se entende por violência também está intimamente ligado às práticas e às relações desenvolvidas por diferentes sociedades, em distintos momentos históricos, fruto da conjugação de aspectos sociais, econômicos e políticos.

Um exemplo é o da prática violenta de açoitar os negros escravizados no tronco, considerada socialmente aceitável no período da escravidão no Brasil. Naquela época, os senhores de escravos tinham legitimidade, dada sua condição de “donos”, para usar a violência física como forma de punição.

Mas pode-se falar também do período medieval, época em que predominavam sangrentas guerras; ou ainda citar os longos séculos da brutal dominação europeia no território da América do Sul, que resultou na dizimação de diferentes populações indígenas que habitavam a região.

Outro exemplo é o próprio processo de colonização vivenciado pelo Brasil, que marcou profundamente a formação da Nação.

Você já estudou na Unidade anterior como a colonização e a escravidão estão na raiz da construção das desigualdades sociais enfrentadas até os dias atuais. A discussão da violência encontra-se também fortemente vinculada a esses processos que marcaram nossa história.

Diversos sociólogos e antropólogos brasileiros que estudam a temática no Brasil buscam, nesse percurso histórico, respostas para compreender a configuração do fenômeno da violência tal como ela se manifesta hoje na sociedade brasileira.



Um deles, o antropólogo Gilberto Velho (1945-2012), dedicou grande parte de seus estudos ao tema da **violência urbana**. Uma das questões centrais de seu pensamento foi refletir sobre como a violência urbana está intimamente relacionada ao processo de formação das nossas cidades, de acordo com o processo histórico, político e econômico que preponderou em nosso país.

Para entender mais sobre as reflexões de Gilberto Velho, é importante ler o texto a seguir, de sua autoria. Lembre-se de assinalar as palavras cujo significado você desconhece para depois pesquisá-las no dicionário.

Violência urbana

Tipo de violência associada ao contexto e à dinâmica da vida nas cidades. Ao falar desse fenômeno, é importante considerar as características formadoras do espaço urbano, como o movimento de saída das pessoas do campo em direção aos centros urbanos, o que provocou o crescimento acelerado das grandes cidades, muitas vezes sem planejamento, levando a um crescimento desordenado.

O desafio da violência

Gilberto Velho

A violência, em diversas formas, foi variável fundamental na constituição da sociedade brasileira. A ocupação europeia do hoje território brasileiro foi feita mediante a destruição de centenas de culturas indígenas e da morte de milhões de ameríndios. Fosse pelo confronto direto em combate, fosse por doenças, escravidão e desorganização de sua vida social, os índios brasileiros foram, em grande parte, dizimados. Por intermédio das pesquisas de antropólogos e arqueólogos, sabe-se, atualmente, da grande diversidade e riqueza sociocultural dos numerosos grupos indígenas, vitimizados ao longo desse processo de colonização e expansão territorial, levado a cabo pelo Estado luso-brasileiro e por particulares.

Por outro lado, a instituição da escravidão, implicando uma dominação violenta, física e simbólica, atingiu os índios e depois, principalmente, a mão de obra africana que, durante quase quatro séculos, foi objeto do tráfico. Milhões de indivíduos, provindos de diferentes regiões e culturas africanas, foram trazidos para o território brasileiro, dentro de um sistema de divisão de trabalho internacional, no qual as grandes *plantations*, produzindo açúcar e café, entre outros, e os metais preciosos constituíram a contribuição desse lado do Atlântico Sul (Alencastro, 1979).

Inegavelmente, formou-se uma sociedade complexa e heterogênea que, a par da dimensão de exploração e **iniquidade** social, apresentou extraordinárias facetas de rica interação e troca socioculturais. As diferentes culturas ameríndias e africanas, mesmo violentadas e fragmentadas, participaram intensamente da formação

da sociedade nacional como mostraram, entre outros, Gilberto Freyre (1933) e Sérgio Buarque de Holanda (1958). A contribuição europeia básica veio por meio dos portugueses, com sua ação político-administrativa expandindo e ocupando o território, trazendo também a língua e o repertório cultural católico-ibérico. Outros europeus incorporaram-se, de modos diferenciados, como os espanhóis, italianos, alemães, e diversos outros grupos étnicos. Mais tarde, a partir do início do século, chegaram os japoneses, principalmente para São Paulo. A incorporação dessas minorias foi repleta de episódios de arbitrariedade e violência, com situações de exploração e discriminação (Seyferth, 1998). Assim, a colonização **mercantilista**, o **imperialismo**, o **coronelismo**, o regime das **oligarquias** antes e depois da independência, tudo isso somado a um Estado marcado pelo autoritarismo burocrático, contribuiu decisivamente para a vertente de violência que atravessa a história do país. [...]

No Brasil, além de uma rotina de dominação com mecanismos conhecidos de exercício da força física como a tortura, fenômeno bastante generalizado, não são poucos os episódios ou situações de conflito com luta aberta, produzindo mortos, feridos e vítimas em geral. Limitando-nos ao Brasil independente e às conflagrações internas mencionadas, por exemplo, a Guerra dos Farrapos, a Balaiada, a Cabanagem, a Revolução Federalista, Canudos, Contestado, os movimentos de 1924 e 1932, e assim por diante.

O Estado Novo e o regime militar levaram bem longe o exercício do poder de governos centrais autoritários e antidemocráticos [...].

No entanto, o panorama atual apresenta algumas características que alteram e agravam o quadro tradicional. Por ocasião das comemorações dos 500 anos do Descobrimiento do Brasil não há mais como disfarçar ou tentar diminuir a gravidade do fenômeno da violência na sociedade brasileira contemporânea. Em muitas sociedades há violência. Existem guerras, conflitos étnico-religiosos e banditismo. Nem sempre as fronteiras entre essas manifestações são claras, havendo misturas de todos os tipos como na Colômbia, para ficar por perto de nós. Mas no Brasil, sem guerra civil explícita, atingimos, especialmente nas grandes cidades, com repercussões para quase todo o território nacional, uma situação na qual a criminalidade campeia com seu séquito sinistro de assassinatos, sequestros, assaltos, roubos e tráfico de drogas e armas.

A urbanização acelerada, com o crescimento desenfreado das cidades, as fortes aspirações de consumo, em boa parte frustradas, dificuldades no mercado de trabalho e conflitos de valores são algumas variáveis que concorrem para tanto. [...]

Referências bibliográficas

- ALENCASTRO, Luis Felipe de. La traite négrière et l'unité nationale brésilienne. *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, v. 66, n. 244-245, p. 395-419, 1979.
FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
SEYFERTH, G. Algunas consideraciones sobre identidades étnicas y racismo en Brasil. *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, Embajada de Brasil en España, p. 69-84, marzo, 1998.

VELHO, Gilberto. O desafio da violência. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 14, n. 39, maio/ago. 2000, p. 56-60. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000200006&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 10 set. 2014

Glossário

Iniquidade

Injustiça, maldade, perversidade.

Mercantilista

Refere-se a uma prática que visa exclusivamente o lucro. No caso do uso feito no texto, diz respeito a um conjunto de práticas econômicas adotadas pela metrópole (no caso da colonização brasileira, a metrópole era Portugal), que tinha como princípio que o acúmulo e comércio de mercadorias produziriam lucros e riquezas.

Imperialismo

Econ. Pol. Forma de atuação de um país que visa dominar a política, a cultura e a economia dos outros.

Coronelismo

1. Bras. Pol. Sistema político-social vigente no Brasil interiorano do fim do Império e da Primeira República, com base na oligarquia agrária dos coronéis latifundiários. [...]

2. P. ext. Qualquer prática ou tendência política similar às do coronelismo. [F.: coronel + -ismo.]

Oligarquia

1. Governo exercido por indivíduos que pertencem a um pequeno grupo, a um só partido, classe social ou família.

2. P. ext. Predominância de um pequeno grupo na cúpula de um governo ou no trato dos negócios públicos, ger. para defender interesses próprios.

© iDicionario Aulete. <www.aulete.com.br>.

É possível encaminhar, então, a análise na seguinte direção: a violência vivenciada atualmente em nossas cidades, presente em todos os Estados brasileiros, não é apenas uma questão circunstancial e, portanto, não é conveniente tratá-la como resultado imediato ou fruto somente dos problemas sociais da vida moderna.

Ao contrário, ao relacionar os temas desigualdade e violência, pode-se perceber que essas questões foram construídas e sedimentadas durante a formação da nação brasileira.

Assim, o próprio contexto social de desigualdades que vivenciamos pode ser, por si só, considerado uma forma de violência.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Uma ação muito importante quando se vai ler para estudar é planejar a organização de registros do que se estudou. Grifar trechos de um texto escrito para destacar uma informação, uma definição, um conjunto de argumentos ou de conceitos; realizar fichamentos para ter um registro organizado das informações obtidas na leitura de um texto; fazer esquemas para visualizar a articulação e a hierarquização das ideias são procedimentos de estudo muito úteis que servem a todas as disciplinas.

É possível registrar as informações mais importantes de um texto de diferentes formas: fazendo anotações das ideias principais ou do que se acha importante, grifando, produzindo esquemas, resumos ou mesmo organizando uma lista com os aspectos mais relevantes de um texto. Contudo é preciso ficar atento ao tipo de informação que cada texto oferece, tendo clareza daquilo que se deseja listar.

Agora, releia atentamente o texto *O desafio da violência* com o objetivo de identificar as formas de violência citadas pelo autor ao longo da história do Brasil. Depois, procure listar os tipos de violência conforme solicitado no quadro a seguir:

Formas de violência mais comuns na constituição da sociedade brasileira, ou seja, no período de sua colonização:	Formas de violência existentes na sociedade brasileira contemporânea, ou seja, atual:

ATIVIDADE 1 Compreendendo a nossa história

1 Após a leitura do texto *O desafio da violência*, responda às seguintes questões:

a) Identifique no texto de Gilberto Velho algumas razões que justifiquem sua afirmação inicial de que a violência foi fundamental na constituição da sociedade brasileira.



b) Além da urbanização acelerada das grandes cidades, quais outras razões dadas pelo autor também contribuem para agravar o fenômeno da violência em nosso país atualmente?

c) Refletindo sobre o seu cotidiano, responda: você observa algumas dessas razões na cidade onde mora? Quais?

2 Charges costumam expressar, de forma bem-humorada, críticas a determinado assunto ou tema. Em sua opinião, qual é a ideia principal ou, ainda, qual crítica está presente na charge ao lado?



 **PENSE SOBRE...**

A violência também está associada à saúde pública, pois tem importância fundamental nas questões referentes às condições de vida e de saúde da população. Dados de estudos recentes apontam para o alto índice de criminalidade no País, relacionando-o com o problema da saúde pública. Leia nos parágrafos a seguir o diagnóstico sobre criminalidade/homicídios no Brasil e procure refletir sobre como essa relação – violência e saúde pública – se concretiza em sua cidade.



Como mostra o diagnóstico, os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos no Brasil e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/DATASUS do Ministério da Saúde mostram que mais da metade dos 52.198 mortos por homicídios em 2011 no Brasil eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%), dos quais 71,44% negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino.

Por essa razão, os homicídios de jovens representam uma questão nacional de saúde pública, além de grave violação aos direitos humanos, refletindo-se no sofrimento silencioso e insuperável de milhares de mães, pais, irmãos e comunidades. [...]

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Homicídios e juventude no Brasil*. Brasília: Secretaria Nacional da Juventude, 2013, p. 9. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

ATIVIDADE 2 A violência mora ao lado?

Para realizar esta atividade, siga os passos:

- Leia o texto do sociólogo Sérgio Adorno, especialista em violência urbana. Esse trecho traz algumas das principais características do cenário da violência urbana no Brasil, considerando as últimas décadas do século XX:

A sociedade brasileira, egressa do regime autoritário, há duas décadas, vem experimentando, pelo menos, quatro tendências: a) o crescimento da delinquência urbana, em especial dos crimes contra o patrimônio (roubo, extorsão mediante sequestro) e de homicídios dolosos (voluntários); b) a emergência da criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas, que modifica os modelos e perfis convencionais da delinquência urbana e propõe problemas novos para o direito penal e para o funcionamento da justiça criminal; c) graves violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem política democrática; d) a explosão de conflitos nas relações intersubjetivas, mais propriamente conflitos de vizinhança que tendem a convergir para desfechos fatais. [...]

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, ano 4, n. 8, Porto Alegre, jul./dez. 2002, p. 88. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

- Agora, leia (e, se possível, ouça) a canção do conjunto de rock nacional Os Paralamas do Sucesso:

Alagados

Paralamas do Sucesso

Todo dia,
O sol da manhã vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo
Quem já não o queria
Palafitas, trapiches, farrapos
Filhos da mesma agonia
E a cidade,
Que tem braços abertos num cartão-postal
Com os punhos fechados
Da vida real
Lhes nega oportunidades
Mostra a face dura do mal
Alagados
Trenchtown
Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê

© Edições Musicais Tapajós Ltda.

• Tendo em vista as leituras realizadas até aqui (especialmente da Unidade 2, que trata das desigualdades), as questões colocadas por Sérgio Adorno e a letra da música *Alagados*, escreva um texto em seu caderno, com suas próprias palavras, refletindo sobre a relação entre a violência urbana e as condições de moradia e habitação nas cidades. Após a realização da atividade, leve seu texto ao professor no CEEJA.

FICA A DICA!

Um clássico da literatura brasileira, o livro *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, descreve as difíceis condições de vida e moradia na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Procure o livro em uma biblioteca e boa leitura!



No ano de 2013, a Suécia (localizada no norte do continente europeu) fechou quatro presídios alegando falta de condenados. Nesse mesmo país, o número de prisões por diferentes delitos e crimes vem diminuindo consideravelmente nos

últimos dez anos. Outras nações, como a Holanda, também na Europa, vivenciam a mesma condição.

No entanto, essa não é a realidade de muitos outros países do próprio continente europeu, como o Reino Unido, nem reflete a realidade brasileira.

Por aqui, a situação vivenciada nos presídios é bastante crítica, onde casos de superlotação, condições degradantes e situações de violência são características predominantes.

Refleta sobre quais razões podem explicar essas diferenças entre os países.

Fonte: GOMES, Luiz Flávio. Suécia e Holanda fecham prisões. Brasil fecha escolas e abre presídios. *Atualidades do Direito*, 19 nov. 2013. Disponível em: <<http://atualidadesdodireito.com.br/lfg/2013/11/19/suecia-e-holanda-fecham-prisoas-brasil-fecha-escolas-e-abre-presidios/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

FICA A DICA!

Se puder, assista aos filmes *Tropa de Elite – Missão dada é missão cumprida* (2007) e *Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro* (2010), do diretor José Padilha. Ambos levam a uma reflexão sobre a violência vivenciada na cidade do Rio de Janeiro, tratando de temas como corrupção, tráfico de drogas e violência urbana. Os filmes podem ajudar a pensar sobre como algumas formas de violência estão enraizadas em nossa sociedade, estabelecendo íntima relação com aspectos como pobreza, ausência ou pouca atuação do Estado e políticas públicas nas periferias e favelas etc.

HORA DA CHECAGEM

Orientação de estudo

Retome agora o que você escreveu na atividade de *Orientação de estudo* e confira suas respostas. Antes de apagar qualquer coisa, reflita, pois a resposta pode estar correta mesmo que tenha palavras diferentes das que você vai ler a seguir. É importante que sua listagem conte com os seguintes itens:

Formas de violência mais comuns na constituição da sociedade brasileira, ou seja, no período de sua colonização:	Formas de violência existentes na sociedade brasileira contemporânea, ou seja, atual:
Destruição da cultura indígena	Assaltos
Extermínio e escravidão de índios	Roubos
Escravidão da força de trabalho africana	Sequestros e tráfico de drogas

Atividade 1 - Compreendendo a nossa história

1

a) A ocupação territorial realizada de forma violenta, a posterior instituição do regime de escravidão e os períodos de ditadura vivenciados em nossa história (Estado Novo e regime militar/golpe de 1964) podem ter sido citados como exemplos.



70

**TEMA 2****Diferentes dimensões da violência**

Neste tema, a intenção é estudar o fenômeno social da violência buscando compreender e reconhecer a existência de diferentes formas de violência – física, psicológica e simbólica –, analisar criticamente como essas diferentes formas estão presentes no cotidiano e discutir especialmente a violência doméstica, o assédio moral e sexual e a violência escolar.

**O QUE VOCÊ JÁ SABE?**

Antes de dar início à discussão sobre o assunto, é importante fazer um exercício de reflexão.

Leia a seguir as diferentes manchetes de jornais:

Manchete 1

Pai pula de sacada do 13º andar com filho no colo em Osasco

Ambos morreram no local, professor teria se jogado com a criança após brigar com a esposa e agredi-la

Estadão, São Paulo, 18 fev. 2014, 6h50. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral-pai-pula-de-sacada-do-13-andar-com-filho-no-colo-em-osasco.1131590>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

Manchete 2

Caminhoneiro e ajudante são presos por morte em briga de trânsito em SP

Policial viu discussão e flagrou momento do assassinato de motorista. Ele tinha 33 anos e estava com a mulher e filho de 1 ano em carro.

G1, 31 jan. 2014, 14h44. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/caminhoneiro-e-ajudante-sao-presos-apos-briga-de-transito-com-morte.html>>. Acesso em: 10 set. 2014.



Manchete 3

http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata

G1 | NOTÍCIAS

07/04/2011 13h06 - Atualizado em 07/04/2011 16h50

Atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida

Segundo hospital, 11 estudantes morreram na Zona Oeste do Rio.
Atirador tinha 23 anos e foi aluno da escola.

G1, 7 abr. 2011, 16h50. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Manchete 4

http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/02/torcedor-do-santos-e-agredido-em

GLOBO ESPORTE | FUTEBOL

24/02/2014 09h15 - Atualizado em 24/02/2014 18h40

Torcedor do Santos morre após ser agredido na zona leste de São Paulo

Márcio Barreto de Toledo, de 34 anos, foi espancado por cerca de 15 pessoas perto da sede da Torcida Jovem, no Jardim Aricanduva, depois do clássico no Morumbi

Globo Esporte, 24 fev. 2014, 18h40. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/02/torcedor-do-santos-e-agredido-em-sao-paulo-apos-classico-e-morre.html>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Com base nesses casos, é preciso iniciar uma reflexão sobre a questão da violência em diferentes aspectos, primeiramente pensando sobre as supostas razões que originaram esses atos de violência. É possível notar que todos os episódios destacados evidenciam diferentes tipos de violência física, que resultaram em morte.

Mas será que a violência física é a única forma de violência? Em sua opinião, quais outras formas de violência podem ser identificadas na leitura das manchetes?

Registre aqui suas considerações.



Reconhecendo diferentes formas de violência

Neste tema você vai estudar e refletir não apenas sobre a violência física, mais evidente para as pessoas, mas também sobre outras formas de violência: a psicológica e a simbólica.

É fundamental reiterar a importância da análise sociológica sobre o fenômeno da violência, buscando desnaturalizar práticas que, muitas vezes, podem ser tão sutis ou estar de tal forma arraigadas em determinada cultura e sociedade que acabam passando por “normais”, “naturais” ou sendo consideradas desse modo no dia a dia.

No entanto, já foi observado que a violência não pode ser considerada dessa maneira, mas como algo construído socialmente, com base nas práticas e na história de cada cultura, de cada sociedade e, portanto, passíveis de mudanças.

Não se objetiva fornecer aqui uma definição exata do termo *violência*, pois esse é um fenômeno bastante complexo, que vem sendo amplamente estudado e debatido por diferentes áreas do conhecimento, inclusive pela Sociologia.

O propósito é estudá-la em diferentes dimensões e reconhecer as possíveis formas de violência vivenciadas pelos indivíduos e sociedades sem, no entanto, ter a pretensão de esgotar as possibilidades de análise.

Para melhor compreender algumas das manifestações de violência na atualidade, pode-se, inicialmente, destacar a definição dada pela antropóloga Alba Zaluar:

[...] Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (*força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer sua força vital*). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite ou da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar o ato como violento, percepção essa que varia cultural e historicamente. [...]

ZALUAR, Alba. Violência e crime. In: MICELI, Sérgio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré/Anpocs, 1999, v. 1, p. 28.

Essa definição auxilia na reflexão sobre o tema. Na sequência, há informações para que você possa compreender três possíveis expressões da violência – a física, a psicológica e a simbólica –, discutindo algumas de suas formas de manifestação em nossa sociedade.

Em primeiro lugar, para compreender o que seja violência física e psicológica, você encontra no quadro a seguir as principais características de cada uma.



Tipo de violência	Principais características
Violência física	A forma mais evidente de violência é a física. Entende-se a violência física como toda e qualquer ação prática que gere dano à integridade física de outro indivíduo. São consideradas violências físicas: homicídio, estupro, latrocínio (roubo seguido de morte), espancamento, tortura etc.
Violência psicológica	Essa forma de violência pode ser definida como “Ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal”.

VILELA, Laurez F. (Coord.). *Manual para atendimento às vítimas de violência na rede de saúde pública do Distrito Federal*. Brasília: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2008, p. 10. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/crianca-e-adolescente/Manual_de_atendimento_as_vitimas_de_violencia_na_rede_de_saude_publica_do_df_secretaria_de_saude_do_df_2009.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

IMPORTANTE!

É necessário fazer aqui uma diferenciação entre a noção de violência e a noção de crime. **Violência** diz respeito ao uso da força que pode causar qualquer tipo de dano a outro indivíduo. Já a noção de **crime** tem uma conotação jurídica e está relacionada a uma desobediência da lei, que prevê uma forma de punição normatizada, ou seja, é um ato de violência definido nos termos da lei de cada país e sujeito a punição.

Após o reconhecimento dessas diferentes formas de violência, podem-se observar algumas expressões concretas desses fenômenos em nossa realidade social.

Violência doméstica

O fenômeno da violência doméstica é uma realidade no Brasil. Os estudos sobre esse tipo de violência ganharam força no País a partir dos anos 1980, acompanhando o processo de redemocratização.

De acordo com os estudiosos do tema, violência doméstica pode ser definida como aquela realizada dentro de casa, por qualquer um dos membros que ali habitam, tendo ou não laços familiares. Os casos mais comuns são de ocorrências de atos de violência dos homens contra as mulheres, mas também ocorre com frequência a violência contra crianças e jovens, contra idosos e até mesmo contra homens.

Dentro do conceito de violência doméstica é possível falar tanto de violência física como de violência psicológica. As manifestações de violência física são relatadas com mais frequência e oficialmente denunciadas e registradas pelos órgãos competentes responsáveis, que prestam atendimento e auxílio às vítimas, como delegacias especializadas no atendimento às mulheres ou mesmo hospitais e prontos-socorros.

Já a violência psicológica, que pode se manifestar por meio de pressões, ameaças, gestos e palavras agressivas, é mais difícil de ser reportada, sendo muitas vezes apenas relatada com episódios de agressão física, mas pode ser motivo de processo judicial.



VOCÊ SABIA?

Desde 1985, o Estado de São Paulo conta com delegacias especializadas no atendimento às mulheres, criadas por meio do Decreto nº 23.769, de 6 de agosto de 1985.

“Essas delegacias são um equipamento policial, uma parte integrante do sistema de justiça brasileiro, voltada para garantir os direitos de cidadania da mulher e dar um atendimento jurídico policial às mulheres vítimas de espancamento, estupro, tentativas de homicídio, ameaças e outras violências abarcadas pelo direito criminal, cometidas contra mulheres pelo fato de elas serem mulheres.”

DEBERT, Guita Grin. As Delegacias de Defesa da Mulher: judicialização das relações sociais ou politização da justiça?. In: CORRÊA, Mariza; SOUZA, Érica Renata de (Org.). *Vida em família: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra”*. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero, Universidade Estadual de Campinas, 2006, p. 17.

De acordo com os dados da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, órgão do Governo Federal, em 2007 havia no Brasil 403 delegacias de mulheres. Todas as capitais, mais o Distrito Federal, contavam com uma delegacia especializada em crimes contra as mulheres.

ATIVIDADE

1

Violência doméstica: o que dizem os números?

Leia com atenção a reportagem a seguir, que trata do tema da violência doméstica no Brasil.

← → <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2012/07/10/mapeamento-aponta-aumento-da-violencia-con>

JORNAL DO SENADO | CIDADANIA

10 de julho de 2012

Mapeamento aponta aumento da violência contra a mulher

Joseana Paganine

Apesar da severidade da Lei Maria da Penha e do maior investimento em políticas públicas, o índice de homicídios de mulheres continua alto, fazendo do Brasil o sétimo colocado em lista que contabiliza assassinatos de mulheres em 84 países

De 1980 a 2010, 91 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, mais de 43 mil só na última década. As que têm entre 15 e 39 anos correm mais risco. E o local de maior perigo para elas é a própria casa.

Isso é o que mostra o *Mapa da violência 2012 – homicídios de mulheres no Brasil*, publicado pelo Instituto Sangari em parceria com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

(Flacso). O documento afirma que houve um aumento de 217,6% no número de mulheres assassinadas no país em 30 anos, saltando de 1.353 mortes em 1980 para 4.297, em 2010.

De acordo com o mapa, o aumento mais significativo no número de homicídios femininos ocorreu até 1996.

Desde então, a taxa se mantém praticamente a mesma: cerca de 4,5 mortes para cada 100 mil mulheres. Mas essa estabilidade não é boa notícia, pois mostra que, apesar dos avanços em legislação e políticas públicas, o país não tem conseguido oferecer proteção efetiva à mulher.

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa coloca o Brasil na sétima posição em lista que contabiliza homicídios femininos em 84 países. O índice brasileiro só perde para os de El Salvador (10,3), Trinidad e Tobago (7,9), Guatemala (7,9), Rússia (7,1), Colômbia (6,2) e Belize (4,6).

O mapa revela ainda que o Estado mais violento do Brasil é o Espírito Santo, com 9,4 homicídios para cada 100 mil mulheres, seguido de Alagoas (8,3) e Paraná (6,3).



© Fabio Rodrigues Pozebon/Abn

Festa do Dia das Mães em casa-abrigo do Distrito Federal: maior parte dos homicídios contra mulheres é cometida na casa da vítima.



A comissão parlamentar de inquérito (CPI) mista que investiga a violência contra a mulher identificou, em diligências realizadas nesses estados, a precariedade da estrutura de atendimento, que se traduz em falta de delegacias, de pessoal qualificado e de varas especializadas, como a principal causa dos altos índices de assassinatos de mulheres.

No lar

Segundo dados do mapa, cerca de 68% dos homicídios são cometidos na residência da vítima. Isso porque, em 86,2% dos casos, o assassino é alguém da família ou próximo a ela. Os parceiros ou ex-parceiros respondem pelo índice mais alto (42,5%), sendo que, entre mulheres de 20 a 49 anos, eles são responsáveis por 65% das agressões. O segundo maior agressor é um amigo ou conhecido (16,2%) da vítima.

Na faixa etária entre 10 e 14 anos, o pai é o principal responsável pelas agressões contra meninas. Até os 9 anos, esse título fica com a mãe. A partir dos 60 anos, são os filhos que assumem o lugar de carrascos da mãe em casa.

Desde 2009, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, é obrigado a registrar todos os casos de crianças, adolescentes, mulheres e idosos atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em decorrência de maus-tratos ou violência. Em 2011, o sistema notificou 73.633 atendimentos.

Aproximadamente duas em cada três dessas pessoas socorridas pelo SUS são mulheres.

Segundo o mapa, as notificações do Sinan representam apenas a ponta do iceberg das violências cotidianas, pois são registrados somente os casos de pessoas que recorrem ao SUS para receber atendimento e, ao mesmo tempo, declaram abertamente que foram agredidas. “Por baixo dessa ponta visível, um enorme número de violências domésticas nunca chega à luz pública”, avalia o documento.

Jornal do Senado, Cidadania, 10 jul. 2012.. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2012/07/10/mapeamento-aponta-aumento-da-violencia-contra-a-mulher>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Agora, responda às questões:

1 Os dados apresentados na reportagem tratam de qual crime especificamente? Como você classificaria esse tipo de violência: física ou psicológica? Por quê?





2 O título da reportagem já informa o leitor sobre a existência de um aumento da violência contra a mulher. Retire do texto trechos que comprovam essa afirmação.

3 Ao final da reportagem é mencionado que os números oficiais obtidos pelo governo sobre os casos de violência doméstica são apenas a “ponta do iceberg”, o que significa dizer que o número real de casos é muito maior do que o conhecido oficialmente. Em sua opinião, essa afirmação está correta? Justifique sua resposta.

MOMENTO CIDADANIA 

A Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, está em vigor no Brasil desde o ano de 2006, sendo reconhecida como um importante avanço no combate à violência contra a mulher no Brasil. Leia abaixo trechos da referida lei:

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.





Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

BRASIL. Casa Civil. Lei Federal nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 19 dez. 2014.

No entanto, estudos recentes apontam sua insuficiência no combate à violência. Os dados mostram que, apesar da lei, o número de homicídios (assassinatos) de mulheres não diminuiu, tendo se mantido estável na comparação dos cinco anos antes de sua implantação (entre 2001 e 2006, a taxa média de mortalidade foi de 5,28 para cada 100 mil mulheres) e dos cinco anos depois de estar em vigor (entre 2007 e 2011, essa mesma taxa foi de 5,22).

Fonte: Lei Maria da Penha não teve impacto sobre homicídios, diz Ipea. *BBC Brasil*, 25 set. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/09/130924_ipea_mulheres_lk.shtml>. Acesso em: 10 set. 2014.

Assédio moral e sexual

Outros exemplos que levam a refletir sobre formas de violência psicológica são o assédio moral e o assédio sexual, fenômenos associados ao mundo do trabalho e que, muito recentemente, vêm sendo reconhecidos nas mais diversas instâncias (jurídica, sindical etc.) como violência contra o trabalhador e a trabalhadora.

Mas o que é *assédio moral*? Você já ouviu falar nesse termo?

De acordo com o site *Assédio moral no trabalho*, humilhação e assédio moral são diferentes.

O QUE É HUMILHAÇÃO?

[...] É um sentimento de ser ofendido/a, menosprezado/a, rebaixado/a, inferiorizado/a, submetido/a, vexado/a, constrangido/a e ultrajado/a pelo outro/a. É sentir-se um ninguém, sem valor, inútil. Magoado/a, revoltado/a, perturbado/a, mortificado/a, traído/a, envergonhado/a, indignado/a e com raiva. A humilhação causa dor, tristeza e sofrimento.

E O QUE É ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO?

É a **exposição** dos trabalhadores e trabalhadoras a situações humilhantes e constrangedoras, **repetitivas e prolongadas** durante a jornada de trabalho e no



exercício de suas funções, sendo mais comuns em relações hierárquicas autoritárias e assimétricas, em que predominam condutas negativas, relações desumanas e aéicas de **longa duração**, de um ou mais chefes dirigidas a um ou mais subordinado(s), desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a organização, forçando-a a desistir do emprego.

ASSÉDIO Moral no Trabalho. Disponível em: <<http://www.assediomoral.org/spip.php?article1>>. Acesso em: 10 set. 2014.

O assédio moral é, portanto, uma situação em que há uma intencional deterioração das condições de trabalho, nas quais as chefias exercem um papel negativo sobre os subordinados. Em geral, a pessoa que sofre o assédio moral fica isolada, não participando das atividades da empresa. Segundo o site, a humilhação não é assédio moral porque esse tipo de assédio carrega em si algumas características:

1. repetição sistemática
2. intencionalidade (forçar o outro a abrir mão do emprego)
3. direcionalidade (uma pessoa do grupo é escolhida como bode expiatório)
4. temporalidade (durante a jornada, por dias e meses)
5. degradação deliberada das condições de trabalho

ASSÉDIO Moral no Trabalho. Disponível em: <<http://www.assediomoral.org/spip.php?article1>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Pesquisas realizadas permitiram identificar as estratégias utilizadas pelo agressor, ou seja, por aquele que pratica o assédio moral:

- Escolher a vítima e isolar do grupo.
- Impedir de se expressar e não explicar o porquê.
- Fragilizar, ridicularizar, inferiorizar, menosprezar em frente aos pares.
- Culpabilizar/responsabilizar publicamente, podendo os comentários de sua incapacidade invadir, inclusive, o espaço familiar.
- Desestabilizar emocional e profissionalmente. A vítima perde sua autoconfiança e o interesse pelo trabalho.
- Destruir a vítima (desencadeamento ou agravamento de doenças preexistentes). A destruição da vítima engloba vigilância acentuada e constante. A vítima se isola da família e amigos, passando muitas vezes a usar drogas, principalmente o álcool.
- Livrar-se da vítima, que é forçada a pedir demissão ou é demitida, frequentemente, por insubordinação.
- Impor ao coletivo sua autoridade para aumentar a produtividade.

ASSÉDIO Moral no Trabalho. Disponível em: <<http://www.assediomoral.org/spip.php?article3>>. Acesso em: 10 set. 2014.

As consequências do assédio moral – considerado uma forma de violência psicológica – para a saúde são muitas. Em entrevistas com pessoas que sofreram assédio moral, a médica Margarida Barreto identificou que homens e mulheres reagem de modo diferente a agressões. Veja as respostas dadas à pesquisa:

CONSEQUÊNCIAS DO ASSÉDIO MORAL À SAÚDE		
Entrevistas realizadas com 870 homens e mulheres vítimas de opressão no ambiente profissional revelam como cada sexo reage a essa situação (em porcentagem)		
Sintomas	Mulheres	Homens
Crises de choro	100	–
Dores generalizadas	80	80
Palpitações, tremores	80	40
Sentimento de inutilidade	72	40
Insônia ou sonolência excessiva	69,6	63,6
Depressão	60	70
Diminuição da libido	60	15
Sede de vingança	50	100
Aumento da pressão arterial	40	51,6
Dor de cabeça	40	33,2
Distúrbios digestivos	40	15
Tonturas	22,3	3,2
Ideia de suicídio	16,2	100
Falta de apetite	13,6	2,1
Falta de ar	10	30
Passa a beber	5	63
Tentativa de suicídio	–	18,3

ASSÉDIO Moral no Trabalho. Disponível em: <<http://www.assediomoral.org/spip.php?article7>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Por sua vez, o assédio sexual, outra forma de violência psicológica, pode ser considerado uma maneira de coação que ocorre, principalmente, com mulheres.

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) reuniu uma comissão de ética e elaborou uma cartilha para esclarecer o que são assédio moral e assédio sexual.

Para o MTE, assédio sexual no ambiente de trabalho:

[...] consiste em constranger colegas por meio de cantadas e insinuações constantes com o objetivo de obter vantagens ou favorecimento sexual.

Essa atitude pode ser clara ou sutil; pode ser falada ou apenas insinuada; pode ser escrita ou explicitada em gestos; pode vir em forma de coação, quando alguém promete promoção para a mulher, desde que ela ceda; ou, ainda, em forma de chantagem.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Assédio moral e sexual no trabalho*. Brasília: MTE, ASCOM, 2009, p. 32. Disponível em: <<http://www.eln.gov.br/opencms/export/sites/eletronorte/ouvidoria/assedioMoral.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

É importante saber que o assédio sexual é crime previsto na Lei nº 10.224, de 2001, com pena de um a dois anos de detenção.

O MTE recomenda que, nesses casos, a pessoa assediada deve:

[...]

- Dizer claramente não ao assediador
- Contar para os(as) colegas o que está acontecendo
- Reunir provas, como bilhetes, presentes e outras
- Arrolar colegas que possam ser testemunhas
- Relatar o acontecido ao setor de recursos humanos
- Relatar o acontecido ao Sindicato
- Registrar a ocorrência na Delegacia da Mulher e, na falta dessa, em uma delegacia comum
- Registrar o fato na Superintendência Regional do Trabalho e Emprego [...]

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Assédio moral e sexual no trabalho*. Brasília: MTE, ASCOM, 2009, p. 37. Disponível em: <<http://www.eln.gov.br/opencms/export/sites/eletronorte/ouvidoria/assedioMoral.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

ATIVIDADE

2 Identificação dos assédios moral e sexual

1 Reflita e converse com outras pessoas (parentes, vizinhos, colegas de trabalho) sobre sua vivência e experiência no ambiente de trabalho. Liste frases sobre situações vividas por você (ou contadas a você), nas quais os chefes ou empregadores procuravam constranger ou humilhar funcionários.



2 Relate os acontecimentos e as consequências ocorridos com você e/ou com as pessoas que lhe contaram essas situações.

3 Você acha que essas situações configuram assédio moral, humilhação ou assédio sexual?

Violência simbólica e a escola

Por fim, você vai refletir a respeito da instituição escolar para discutir sobre o conceito de violência simbólica. Na Unidade 4 do Volume 1, você estudou a escola como uma importante instituição no processo de socialização. Viu também que, no contexto escolar, pode-se falar tanto de uma educação transformadora como de uma educação reprodutora.

Para refletir sobre o assunto, é preciso primeiramente pensar a respeito do conceito de *capital cultural*, formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. O capital cultural é tudo aquilo que se aprende e que forma o conjunto de conhecimentos das pessoas. Ele tem a ver não apenas com o que é estudado na escola, mas principalmente com aquilo que se aprende e se conhece por intermédio da família e das outras instituições frequentadas na infância ou já na fase adulta (por exemplo: a igreja, a associação de bairro, os eventos culturais do grupo social etc.).

Segundo Bourdieu, a classe dominante transforma em “privilégio” o que seria um direito – o acesso de todos aos bens culturais produzidos pela sociedade –, buscando legitimá-lo com as ideias de mérito, direito natural, herança cultural e dom, todos tratados como dados naturais, embora sejam construções sociais. Então, despreza as outras classes por terem um capital cultural diferente e por não terem “capacidade” de acessar o capital cultural mais valorizado no sistema capitalista.



Esse tipo de desprezo pela cultura do outro é o que Bourdieu chamou de *violência simbólica*. Um exemplo: quando a classe dominante define que só terá acesso a melhores condições de vida quem souber falar mais de um idioma, ela contribui para reafirmar a desigualdade. Afinal, a única classe que tem meios financeiros para aprender outro idioma é a própria classe dominante. Assim, ela se mantém com as melhores condições de vida, ou seja, se mantém no poder.

A violência simbólica se impõe não porque usa a violência física ou psicológica, mas pelo fato de ter meios para convencer as pessoas de que determinado grupo ou cultura é inferior a outro(a) e que a relação de dominação precisa ser mantida para o bem da ordem social. Para Bourdieu, um dos principais meios para a ação da violência simbólica é a escola. Em suas palavras:

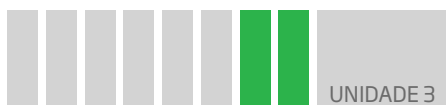
[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 311.

ATIVIDADE 3 Percebendo as formas ocultas de violência

Observe a charge:





Agora, responda às questões.

1 Explique, utilizando o conceito de violência simbólica, a situação exposta na charge.

2 Retome a resposta que você deu no início desta Unidade sobre o que é violência e reescreva-a, incorporando elementos e conceitos estudados ao longo da Unidade.



ASSISTA!

Sociologia – Volume 2

Faces da Violência

Esse vídeo poderá contribuir na compreensão dos assuntos abordados nesta Unidade. O vídeo retoma a discussão histórica sobre as origens da violência no Brasil e amplia a discussão sobre os diferentes tipos de violência em nossa sociedade, contribuindo para que você possa construir uma reflexão crítica sobre o tema.



HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Violência doméstica: o que dizem os números?

1 Os dados apresentados na reportagem são de assassinatos de mulheres; o crime em si pode ser definido como violência física. No entanto, é preciso considerar o contexto que leva à realização desses crimes, especialmente por se tratar do ambiente doméstico, por isso pode-se falar também em violência psicológica.

2 Logo no segundo parágrafo, a reportagem apresenta um dado estatístico que informa esse aumento: “O documento afirma que houve um aumento de 217,6% no número de mulheres assassinadas no país em 30 anos, saltando de 1.353 mortes em 1980 para 4.297, em 2010”.

3 Essa é uma resposta de caráter pessoal, mas é importante considerar que os dados indicados na reportagem revelam apenas a “ponta do iceberg”, ou seja, são bem menores do que a realidade, em função do fato de que não são todas as mulheres agredidas, física ou psicologicamente, que prestam queixa dos seus agressores ou da situação que vivem. Como o próprio texto da reportagem informa, “são registrados somente os casos de pessoas que recorrem ao SUS para receber atendimento e, ao mesmo tempo, declaram abertamente que foram agredidas”. As ameaças e a pressão psicológica feitas pelos agressores e por outras pessoas do convívio fazem que muitas vítimas tenham medo ou vergonha de denunciar ou tomar uma atitude.

Atividade 2 - Identificação dos assédios moral e sexual

1, **2** e **3** A intenção das questões dessa atividade foi levá-lo a compreender e perceber, por meio da análise de situações concretas vivenciadas, atitudes que possam ser caracterizadas como assédio moral ou sexual no ambiente de trabalho. Essas são questões delicadas, por isso foi sugerida uma conversa com familiares ou até mesmo com colegas de trabalho antes da realização da atividade. Você pode também ter refletido sobre experiências anteriores e ter feito comparações entre elas. No levantamento de frases que você associou ao assédio moral, é importante ter refletido que esse tipo de violência baseia-se na recorrência de situações em que o trabalhador é submetido a circunstâncias em que ele se sinta humilhado.

Atividade 3 - Percebendo as formas ocultas de violência

1 Ao analisar a charge, é preciso refletir sobre o porquê de a educação ser considerada pela mãe “uma mania de grandeza”. Conforme você observou na definição de violência simbólica, esta se manifesta na relação de dominação de uma classe sobre a outra, perpetuando e reproduzindo desigualdades, que no caso expresso pela charge diz respeito à educação. Assim, relações de desigualdade se estabelecem em uma sociedade na qual uma criança menos favorecida, que não tem o mesmo capital cultural de outra de classe social mais privilegiada, não tem acesso garantido a direitos básicos, como o direito à educação.

2 Ao retomar as respostas dadas inicialmente e complementá-las com o que aprendeu na Unidade, você deu um importante passo para garantir a reflexão e a sistematização do que estudou. Aproveite esse momento e registre ainda as dúvidas que não tenham sido esclarecidas em relação ao conteúdo. Pode ser ainda que, por meio dessa sistematização, você tenha pensado em novas questões em relação a esse assunto; não deixe de anotá-las. Leve para o seu professor no CEEJA tanto essa resposta como as dúvidas e novas questões registradas na respectiva seção de seu caderno.

Movimentos sociais: concentração de descontentamentos?

TEMAS

1. A luta pela conquista de direitos
2. Movimentos sociais

Introdução

Nas Unidades anteriores, você estudou as características da cultura, da desigualdade social e da violência.

É importante refletir que uma **ação** ocasiona uma **reação**. É essa a ideia presente na constituição dos movimentos sociais. Se há injustiças de toda sorte, há também a resposta da sociedade, que se organiza e luta por seus direitos e por condições mais justas de vida.

Nesta Unidade, você terá a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre os caminhos trilhados pelos movimentos sociais e como os direitos foram conquistados no Brasil, por meio da mobilização da população.

Ainda vai estudar as principais correntes teóricas da Sociologia que buscaram compreender esse fenômeno e construir sua própria percepção sobre ele.

A luta pela conquista de direitos **TEMA 1**

Você estudou na Unidade 2 deste Volume que a sociedade desigual que existe em nosso País é fruto de um processo histórico. Mas, se a história brasileira carrega a marca das injustiças sociais, cabe ponderar também que houve continuamente a reação da população para a conquista de direitos.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Todo cidadão brasileiro é portador de direitos. De quais direitos você usufruiu? Procure pensar no trabalho, na sua educação ou de seus filhos, nas eleições etc.



- Você sabe como alguns dos direitos em que pensou foram conquistados? Formule sua resposta nas linhas que seguem.



O que são direitos?

É comum ouvir nas ruas, na televisão ou ler nos jornais as palavras *cidadão* e *cidadania*. Quando elas são mencionadas, em geral também se fala em direitos e deveres. Os direitos são o que as pessoas *podem* fazer além das necessidades básicas que precisam ser garantidas, e os deveres são as obrigações, aquilo que as pessoas *precisam* fazer. Quem estabelece o que os habitantes de determinado país podem (direitos) e devem (deveres) fazer é a sociedade, por meio de um conjunto de normas ou leis instituídas pelas autoridades legais. Assim, a concepção de *direito* surge quando se estabelece que as leis devem ser seguidas por todos aqueles que participam do mesmo grupo social. Essas englobam direitos e deveres e regulamentam as formas pelas quais as pessoas se organizam em sociedade e constroem as regras fundamentais para a convivência, ou até mesmo para a sobrevivência do grupo. Portanto, direito e cidadania são conceitos interligados, já que cidadãos são as pessoas reconhecidas pela sociedade como aquelas cujos direitos estão garantidos pelas leis e que têm o dever de se submeter a elas.

Observe que há direitos já estabelecidos na sociedade antes do nascimento de uma pessoa e outros inúmeros ainda a serem conquistados ao longo de sua vida. Por exemplo, uma pessoa tem direito a: ter seu nascimento reconhecido, estudar, andar nas ruas, votar e ser votada, não ser presa sem motivo, viver com dignidade, ter emprego, entre tantos outros. É importante ficar claro que, quando a sociedade estabelece que os cidadãos possuem determinado direito, automaticamente eles podem exigir das autoridades legais as condições para exercer esse direito. Contudo, quando a trajetória da conquista dos direitos é analisada por uma perspectiva histórica, percebe-se que nem sempre as pessoas tiveram o poder legítimo do cidadão moderno de reivindicar direitos ou de exigir sua efetivação pelas autoridades legais. São muitas as teorias que buscam explicar o surgimento do direito na história da humanidade e também há diversas hipóteses sobre isso.



O filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) elaborou a teoria de que o homem abandona seu estado de natureza (selvagem) por um estado civil (cidadão), em que decide se submeter a normas pelo bem da comunidade. Os vários tipos de normas e leis conhecidos até hoje buscam garantir que a sociedade viva de acordo com certo padrão. Assim, há um conjunto de normas definido pelas ordens política e jurídica de cada sociedade – no caso das sociedades modernas, elas são definidas pelo Estado –, e aqueles que não as seguem são punidos de acordo com a lei.

Em geral, quando se pensa nas leis, tem-se a impressão de que elas são **naturais**, que sempre existiram. Essa sensação de naturalidade costuma acontecer porque parte delas já existia e era praticada e válida quando nascemos. Mas, na realidade, tais normas foram criadas progressivamente, com base nos apelos das sociedades para aqueles que as governavam.

As leis se modificam ao longo do tempo, em função de novas necessidades e interesses de cada sociedade. São essas necessidades e interesses que, ao se constituírem em leis e se legitimarem perante toda a sociedade, se transformam em direitos. Por exemplo, na Constituição brasileira de 1988, os legisladores da Assembleia **Constituinte**, motivados pela militância do Movimento Negro, incluíram um parágrafo que tornou a prática do racismo no País um crime inafiançável e imprescritível.



Constituinte

Nos regimes democráticos, refere-se a um grupo de representantes do povo reunidos em uma Assembleia Constituinte para mudar ou elaborar a Constituição de um país.

Direitos de cidadania

Compreender o significado e a abrangência do que vem a ser **cidadania** é tarefa complexa, mas não impossível.

Quando se fala em cidadania, faz-se referência, portanto, ao conjunto de direitos e deveres dos cidadãos, os quais são geridos por determinado regime político, que, por sua vez, contempla um sistema jurídico. Mas fique atento! A cidadania estabelece sempre um diálogo estreito com a história de cada país e acompanha o dinamismo de cada sociedade.

Veja a seguir um exemplo recente para uma fácil compreensão do dinamismo que envolve a cidadania. O Brasil viveu um período de ditadura militar iniciado em 1964, que se prolongou até 1985, e durante todos esses anos a população não teve direito de escolher seus presidentes. Com a chamada “abertura democrática” – período assim denominado por se tratar da fase de transição da ditadura para o restabelecimento da



democracia –, houve um crescente desejo da população em recuperar seu direito de votar. Os longos anos de repressão foram marcados por atos violentos de toda sorte, como o desaparecimento e a morte de inúmeros manifestantes, presos políticos torturados e muitos exilados para diversos países. O reestabelecimento da democracia pedia o voto direto para escolha do presidente.



Manifestação da campanha Diretas Já!, cuja reivindicação era o direito de a população eleger o presidente da República por meio do voto.

A democracia foi, aos poucos, recuperando seus mecanismos, mas a pressão vinda das ruas fez com que o direito ao voto fosse restaurado mais rapidamente. Por essa razão é importante considerar o movimento presente em cada sociedade na obtenção de direitos.

Os chamados direitos de cidadania são classificados em três tipos:

- **direitos civis**, relacionados ao indivíduo e sua liberdade. Por exemplo: liberdade de expressão e de pensamento; o direito de ir e vir; liberdade para escolher a religião etc.;
- **direitos políticos**, aqueles que facultam aos cidadãos a possibilidade de escolher os governantes e aqueles que vão representá-los nas câmaras de vereadores, de deputados; concede o direito também de organização em associações de classe, sindicatos ou partidos políticos;
- **direitos sociais**, vinculados ao acesso a educação, saúde, trabalho, moradia etc.

Os direitos sempre existiram no Brasil?

É importante lembrar que a participação popular no Brasil é recente e sofreu várias interrupções.

Observe que apenas em 1932 o processo eleitoral tornou-se mais democrático, quando o então presidente Getúlio Vargas criou o Código Eleitoral do Brasil e a Justiça Eleitoral. Contudo, esse sinal que poderia vir a inaugurar um regime democrático no País durou pouco tempo. Com o Estado Novo (1937 a 1945), a Justiça Eleitoral foi suspensa e o Brasil mergulhou em um período sem eleições.

Em 1964, o Brasil sofreria uma nova interrupção na participação da sociedade na escolha dos governantes, pois, com o Golpe Militar, as eleições foram suspensas.



O movimento Diretas Já!, que ocorreu em 1984, reivindicava o direito ao voto como forma de restabelecimento da democracia no País.



É comum ouvir que política e futebol não se discute. Será que é possível colocar um esporte e os rumos de um país na mesma situação? Se o time A é melhor que o B, esse é um aspecto que não altera nossa vida; mas a consciência política, a organização da população, o voto para conquistar melhores condições de vida desenharam uma dimensão do convívio em sociedade que merece um profundo debate.

ATIVIDADE 1 O que é natural?

Assim como algumas práticas reguladas por lei, há fatos, comportamentos e condutas sociais que existem há muito tempo, razão pela qual se costuma pensar que são ou sejam naturais.

1 Leia na primeira coluna do quadro a seguir algumas situações presentes no dia a dia das pessoas. Identifique e assinale se elas representam situações naturais, que existem “desde que o mundo é mundo”, ou se são sociais, ou seja, resultado de como a sociedade se organizou ao longo do tempo.

	Natural	Social
Existência de pobres e ricos		
Viver em grupos e/ou sociedade		
Casamento entre homens e mulheres		
Desemprego		
Convivência entre pessoas de faixas etárias diferentes		
Existência de moradores de rua		
Maternidade e paternidade		
Mulheres responsáveis pelo trabalho doméstico		
Mulheres responsáveis pelo cuidado com os filhos		
Discriminação a homossexuais		
Comer, beber e dormir		
Comer com talheres		



2 Selecione duas situações, uma que assinalou “natural” e outra que marcou como “social”, e elabore uma justificativa explicando as razões de sua escolha.



Desvios de rota

Em 1937, Getúlio Vargas alegou que o País era ameaçado pelos comunistas e, por meio de um golpe de Estado, fechou o Congresso Nacional e as assembleias legislativas dos Estados e as câmaras municipais.

Instituiu-se, assim, o período da história do Brasil que ficou conhecido como Estado Novo. Foi nessa época que a quarta Constituição do Brasil entrou em vigor e, entre outras medidas, concedeu ao presidente da República enorme poder, que lhe permitia definir os rumos da política e da economia da Nação. As eleições diretas que deveriam ocorrer em 1938 foram canceladas; os partidos políticos, impedidos de atuar; a liberdade de imprensa foi suspensa; as manifestações políticas, proibidas.

Dessa maneira, amparado pela Constituição de 1937, iniciou-se um período de ditadura no Brasil que durou até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Sem democracia, o povo brasileiro perdeu os direitos políticos de cidadania que havia recém-conquistado.

A liberdade de organização sindical também foi vetada aos trabalhadores. Sindicatos oficiais, criados pelo Ministério do Trabalho, passaram a ser responsáveis pelas negociações trabalhistas, retirando poder dos operários organizados nas indústrias.

Entretanto, se os direitos políticos e civis (até mesmo a livre organização sindical) foram cerceados pela ditadura do Estado Novo, os direitos sociais – principalmente os dos trabalhadores – avançaram. A maior expressão desse avanço foi a ampliação dos direitos previdenciários e a aprovação da Consolidação das Leis do





Trabalho (CLT), a qual reúne, em um mesmo documento, leis que garantem direitos aos trabalhadores (Decreto-Lei nº 5.452 de 1º de maio de 1943) e que permanecem em vigor até hoje, com alterações.

A Constituição de 1946

No texto da Constituição de 1946, a quinta do Brasil, os direitos sociais do Estado Novo foram mantidos, e os direitos civis e políticos, restabelecidos. Liberdade de opinião, liberdade de organização sindical e partidária, eleições para cargos executivos (presidente, governadores e prefeitos) e legislativos (senadores, deputados e vereadores) foram algumas conquistas importantes do novo período.

A Constituição de 1946 determinou que o voto deveria ser secreto, obrigatório e direto, extensivo a todos os homens e mulheres com mais de 18 anos. Embora soldados e analfabetos ainda fossem impedidos de votar e representassem grande parte da população nessa época, os direitos políticos de cidadania foram ampliados em relação às constituições de 1891 e 1934.

Essa nova Constituição trouxe outras mudanças importantes: a criação dos tribunais eleitorais independentes de governos e com a função (entre outras) de organizar as eleições; e o fortalecimento dos partidos. Com a instituição desses tribunais eleitorais, diminuíram os riscos de fraudes eleitorais e a prática dos direitos políticos se tornou cada vez mais presente.

Em 1964, porém, passados apenas 18 anos, um golpe militar instaurou um segundo e longo período de ditadura no Brasil. O governo militar procurava suprimir as propostas de reformas de base (como a agrária e a tributária) elaboradas pelo então presidente eleito, João Goulart, conhecido como Jango. Mais uma vez, o autoritarismo tomou o lugar da democracia, e os cidadãos viram-se impedidos de exercer seus direitos civis e políticos.

Isso, no entanto, não aconteceu sem resistência de certos setores da sociedade: trabalhadores da cidade e do campo, estudantes, professores saíram às ruas para protestar contra a ditadura e defender a democracia.

A Constituição de 1967

A fim de conter a resistência da população, os militares mudaram as regras que regulavam a relação do Estado e do governo com a sociedade brasileira. A sexta Constituição foi elaborada em 1967 e complementada por uma emenda constitucional em 1969. Mas foram os chamados atos institucionais, publicados pelos



governantes militares sem aprovação do Legislativo, que, a partir de 1964, deram sustentação legal ao que aconteceu na prática: uma restrição das liberdades civis e políticas dos brasileiros, em um nível sem precedentes na história do País.

O primeiro desses atos, o Ato Institucional nº 1 ou AI-1, foi publicado logo no início da ditadura, em abril de 1964. Entre outras medidas, possibilitava aos militares alterar a Constituição e suspender os direitos políticos dos cidadãos que eles considerassem ameaça ao Brasil.

Os períodos de 1964 a 1965 e de 1968 a 1974 foram os mais truculentos, com os direitos políticos e civis sendo violados de forma dura e sistemática. Em 1968 entrou em vigor o Ato Institucional nº 5 ou AI-5, o mais duro ato instituído pelo regime, pois dava poderes ilimitados aos militares para punir os cidadãos que se colocassem contra as ideias do regime. Houve cassação de mandatos políticos; intervenção em sindicatos; proibição de funcionamento das organizações de estudantes; fechamento do Congresso Nacional; invasão de domicílios e abertura de correspondência alheia justificadas pela ameaça de terrorismo; proibição da livre organização dos partidos políticos; restrição da liberdade de expressão e do direito de ir e vir; prisões arbitrárias (sem mandado judicial) seguidas de tortura, morte ou desaparecimento de centenas de pessoas; censura aos meios de comunicação e espetáculos de arte, entre outras violações à cidadania dos brasileiros.

A retomada da democracia

Como visto, o Brasil passou 21 anos sob o regime da ditadura militar. Em 1985, com as eleições indiretas para presidente da República e a vitória da oposição – isto é, daqueles que estavam descontentes com a perda dos direitos políticos e



As manifestações contra a ditadura militar se multiplicaram em todo o País.

FICA A DICA!

Um filme exibido com frequência na televisão é *Zuzu Angel* (direção de Sérgio Rezende, 2006), que conta uma história verídica do período da repressão militar. Zuzu Angel, uma estilista brasileira, tem seu filho preso pelo Exército nos anos 1970. Ela trava uma batalha para saber seu paradeiro e passa a ser perseguida pelos militares, morrendo em circunstâncias suspeitas.

Procure também ouvir a música *Angélica*, composta por Chico Buarque (1977), feita em homenagem à estilista.

com a repressão às manifestações pela abertura democrática –, começava uma nova fase da construção da cidadania no País.

Na realidade, o processo de transição da ditadura para a democracia teve início em 1974, no governo de Ernesto Geisel, mas o congresso foi fechado novamente em 1977 e retomado apenas em 1978, momento em que organizações sociais, principalmente o movimento sindical, ganhavam novo fôlego. Com as greves operárias, que aconteciam na região do ABC (que compreende as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul) e em Osasco, na Grande São Paulo, e em Contagem, em Minas Gerais, e com o apoio da Sociedade Civil – Ordem dos Advogados do Brasil, Associação Brasileira de Imprensa, universidades, intelectuais, estudantes e até mesmo do governo Carter dos EUA, o AI-5 foi revogado em 1978.

Nos anos seguintes, ocorreram várias mudanças políticas. Entre elas, a volta de perseguidos políticos brasileiros que estavam exilados, as eleições para governadores em 1982 e a campanha por eleições diretas para a presidência da República em 1984, que mobilizou milhões de brasileiros.

A eleição presidencial de 1985, embora indireta – quem elegeu o novo presidente não foi o povo, mas um colégio eleitoral composto de 686 congressistas –, marcou o fim da ditadura militar, ao eleger um presidente civil.

Logo no ano seguinte, em 1986, após mais uma mobilização popular, começou a ser discutida uma nova Constituição, aprovada pelo Congresso Nacional em 1988.

A Constituição de 1988

Conhecida como Constituição Cidadã, a Constituição de 1988, a sétima e a que é válida na atualidade, ganhou esse nome por ter como preocupação central a garantia dos direitos civis, políticos e sociais para todos os brasileiros.

As restrições impostas pelos militares em relação aos direitos civis acabaram antes de 1988, mas foi na Constituição que esses direitos foram firmados. Veja alguns deles: todos são iguais perante a lei e todos devem ter garantido o direito à vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade (Art. 5º).

Outros exemplos mostram como a Constituição de 1988 avançou no campo dos direitos civis: a tortura e o racismo foram definidos como crimes inafiançáveis; os direitos dos consumidores foram reconhecidos; os cidadãos passaram a poder acessar quaisquer informações que o governo tivesse sobre sua pessoa; o sistema de justiça tornou-se mais simples e mais fácil de ser acionado em função da criação dos Juizados Especiais Cíveis, também conhecidos como Juizados de Pequenas Causas.

Do ponto de vista dos direitos políticos, os avanços são claros: além de garantir a volta das eleições diretas, a Constituição possibilitou a ampliação do direito de voto para os brasileiros com idade igual ou superior a 16 anos, o que representou uma conquista importante. Ademais, foi permitido o voto aos analfabetos. Isso, entretanto, não significou que se tenha assegurado a essas pessoas plenos direitos políticos, já que elas obtiveram o direito de voto, mas não o direito de se candidatar aos cargos eletivos.

A Constituição de 1988 também afirma que são direitos dos cidadãos brasileiros: educação, saúde, trabalho, moradia, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, além da assistência aos desamparados (Art. 6º).



Um dos objetivos dessa Constituição é “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais” (Inciso III do Art. 3º). A afirmação constitucional desse objetivo e dos direitos sociais, por si só, não significa colocar um fim na pobreza nem nas situações de desigualdade, mas abre condições para que a sociedade se organize cada vez mais a fim de fazê-los valer na prática.

A Constituição Federal de 1988 contemplou diversos tipos de direitos e divisões entre eles. Conheça alguns deles:

- **Direitos difusos:** são aqueles que não se referem a uma só pessoa. Por exemplo: o direito que diz respeito ao consumidor, à pessoa idosa, à criança.
- **Direitos coletivos:** dizem respeito a determinado grupo ou classe. Se for concedido um direito aos aposentados, apenas eles o gozarão.
- **Direitos bioéticos:** os avanços da ciência associados às mudanças de comportamento da sociedade brasileira trazem, de forma recorrente, questionamentos para a formulação de direitos. Veja um exemplo: há tempos se falava em “barriga de aluguel”, e isso porque a ciência não havia evoluído o suficiente para que fosse possível a fertilização feita *in vitro*, sobre o qual você talvez tenha ouvido ou lido no noticiário como “bebê de proveta”. Essa é uma questão que necessitou a formulação específica de direitos para a existência de um contrato entre a “mãe de aluguel” e os pais da criança a ser

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - O que é natural?

1 A escolha entre “natural” ou “social” requer uma reflexão aprofundada. A união entre homens e mulheres, por exemplo, é considerada natural, pois se pondera que no casamento entre sexos diferentes há a possibilidade da procriação. Por outro lado, pode-se levar em conta que a união entre as pessoas depende de um sentimento, independentemente se são ou não do mesmo sexo. Caso assim a compreenda, você pode ter assinalado como “social”, pois foi uma norma baseada na procriação que permitiu durante séculos oficializar o casamento entre pessoas de sexos diferentes, tendo sido a oficialização da união de pessoas do mesmo sexo uma conquista recente no Brasil.

Da mesma forma, é possível ficar em dúvida se maternidade e paternidade são “naturais” ou “sociais”, mas as transformações na sociedade ampliaram a compreensão dessa relação: a maternidade compreendida como “dar à luz” é natural, porém é social o fato de haver “barriga de aluguel”, adoção por casais homoafetivos etc.

	Natural	Social
Existência de pobres e ricos		X
Viver em grupos e/ou sociedade	X	
Casamento entre homens e mulheres		X
Desemprego		X
Convivência entre pessoas de faixas etárias diferentes	X	
Existência de moradores de rua		X
Maternidade e paternidade	X	
Mulheres responsáveis pelo trabalho doméstico		X
Mulheres responsáveis pelo cuidado com os filhos		X
Discriminação a homossexuais		X
Comer, beber e dormir	X	
Comer com talheres		X

2 O que foi estudado em Sociologia desde o Volume 1 pode ter ajudado na construção de argumentos com mais fundamentação, como, por exemplo, a justificativa sobre as desigualdades sociais e a existência de moradores de rua, tema abordado na Unidade 2 deste Volume. Em relação ao casamento entre homens e mulheres, você pode ter assinalado que é um ato natural se pensou na questão de ter filhos, mas reflita: essa é também uma norma social, pois pessoas do mesmo sexo podem constituir famílias e, caso queiram, adotar filhos. Aceitar o casamento entre pessoas do mesmo sexo está longe de ser unanimidade na sociedade. O mesmo se dá na compreensão do papel da mulher, que também foi tratado na Unidade 2. Responsabilizar a mulher pelos cuidados dos filhos e pelas tarefas domésticas é resultado de uma construção social, mas que pode ser desfeita pela conscientização de papéis idênticos entre homens e mulheres. Combata qualquer tipo de preconceito.



100



TEMA 2 Movimentos sociais

Se o processo de conquista de direitos no Brasil foi tortuoso e marcado por forte violência física e psicológica, é importante pensar que a participação popular foi, e continua sendo, decisiva para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Neste tema, você estudará o que são movimentos sociais e quais são alguns dos principais deles.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Você já viu nas ruas alguma manifestação de pessoas reivindicando algo, ou participou de alguma delas? Onde foi? Quando?
- Lembra-se do que as pessoas requeriam nessa ocasião? E se recorda do que você pensou sobre isso na época?
- Em sua opinião: toda manifestação que visa buscar alguma melhoria para toda a sociedade ou para uma parcela dela pode ser entendida como uma demanda ou busca por um direito? Você considera que as manifestações são embriões de formação dos movimentos sociais?

Organize aqui suas ideias e, caso tenha dúvidas, discuta-as no próximo plantão que frequentar.



O que são movimentos sociais?

Movimentos sociais podem ser compreendidos como as ações, de caráter coletivo, que reivindicam direitos para a população ou para segmentos dela, como trabalhadores, mulheres, negros, LGBTs etc.

O sociólogo francês Alain Touraine (1925-) considera que o avanço da industrialização – que você estudará no Volume 3 – propiciou a consolidação do movimento





operário e, com base nele, outros novos foram organizados, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento Negro, o movimento feminista, entre outros.



© Sebastião Salgado/Amazonas Images

Trabalhadores rurais realizam ocupação de terras improdutivas como forma de garantir sua sobrevivência.

Algumas correntes teóricas buscaram compreender melhor os movimentos sociais:

1. Escola de Chicago (final dos anos 1940) – desenvolveu a ideia de que os movimentos sociais exercem papel educativo na população, pois é a participação que colabora de forma decisiva na constituição da consciência política. Essa linha de pensamento influenciou a noção de formação de líderes para atuarem nos movimentos, os quais teriam a função de organizar as massas de modo a elevar o patamar de vida da população mais carente. Essa concepção foi bastante difundida no Brasil durante os anos 1970, em especial pela Igreja Católica entre os adeptos da Teologia da Libertação, uma corrente do catolicismo situada à esquerda na política e que luta contra as injustiças sociais.

2. Sociedade de massas (entre os anos 1940 e 1950) – corrente cujo principal expoente foi Erich Fromm (1900-1980), psicanalista, filósofo e sociólogo alemão, que compreendia que as manifestações coletivas são fruto de profundo descontentamento da população. A ponderação que faz, contudo, é sobre o comportamento que surge nos movimentos de massa que, para ele, são heroicos ou violentos. Tanto o heroísmo como a violência são resultado da perda do uso da razão.



3. Sociopolítica (anos 1950) – representada principalmente pelo sociólogo alemão Rudolf Heberle (1896-1991), que, atuando nos Estados Unidos, construiu sua teoria sobre os movimentos sociais, mas restrita aos relacionados à classe operária. Na compreensão sociopolítica (aquela que articula as questões sociais e as políticas), os movimentos sociais surgem do descontentamento individual.

4. Funcionalista (anos 1950) – liderada pelo sociólogo Talcott Parsons (1902-1979), adepto do **funcionalismo**, centrou suas análises na função exercida pelos indivíduos na sociedade. Nessa corrente, os movimentos sociais são compreendidos como algo que surge quando os costumes que até então eram suficientes para explicar a realidade tornam-se ultrapassados e geram inquietação na população ou em parte dela. Tal percepção se alinha ao pensamento de Émile Durkheim, à medida que, para os adeptos dessa linha de pensamento, a ordem social deve existir de modo permanente e qualquer sinal que procure romper com essa ordem social deve ser rapidamente controlado. Observe que nessa corrente não se estabelece relação entre o social e o político, predominando apenas o conformismo e o pensamento acrítico em relação à ideia do papel que cada um assume na sociedade.

Funcionalismo

Corrente que compreende que cada um exerce determinado papel na sociedade, com vistas a alcançar algum tipo de equilíbrio.

Alain Touraine trouxe, nos anos 1970, importante contribuição à Sociologia ao discutir os movimentos sociais. Para ele, um movimento social se constitui quando:

Há algum elemento comum que interligue os participantes, além da identificação de um opositor idêntico a todos os participantes.

Por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra:

- *elemento comum que os une*: desejo de implantar a reforma agrária e distribuição de terras improdutivas;
- *opositor*: proprietários de terras improdutivas e governos que mantêm as políticas que favorecem esses proprietários.

Algumas conclusões:

- a organização da população em movimentos sociais é o despertar da consciência de seu papel como sujeito das transformações políticas e sociais;



• os movimentos sociais não estão desvinculados das questões relativas às classes sociais, pois são, frequentemente, expressões das desigualdades de toda sorte produzidas no contexto do sistema capitalista.

Mas como esses movimentos se expressam na sociedade brasileira? Esse é o assunto da próxima atividade.

ATIVIDADE 1 Expressões dos movimentos sociais

A pesquisa é o coração e a mente da construção da ciência. Na Sociologia não é diferente. Você vai praticá-la realizando um levantamento sobre os movimentos sociais de maior destaque na sociedade.

Observe que nesta atividade não serão abordados os movimentos operário e sindical, pois esses serão estudados no Volume 3. Agora, você vai realizar um levantamento de informações sobre três movimentos sociais para, em seguida, iniciar uma sistematização, uma organização do que coletou, e construir suas reflexões sobre eles.

Veja as orientações e, caso tenha dificuldades, peça ajuda ao plantão do CEEJA.

1. Vá até a biblioteca do CEEJA ou a outra de fácil acesso para você. Caso tenha a possibilidade de pesquisar na internet, use os sites de busca, mas sempre conferindo se as informações que trazem são baseadas em autores e fontes confiáveis.

2. Faça uma pesquisa dos seguintes movimentos: negro, feminista e LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros). Para cada um deles, siga o seguinte roteiro:

- Como surgiu cada um desses movimentos no Brasil? Em que período da história?
- Como cada movimento se organiza? Em quais níveis: regional, nacional, internacional?
- Quais são as principais reivindicações de cada um?

3. Agora que você os conheceu com detalhes, escolha um deles para elaborar um texto de sua autoria retratando a história e as conquistas desse movimento social.

Bom trabalho!



